Obras Completas de A. F. de Castilho

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
SOCIEDADE EDITORA
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
95, R. Augusta, 95 | 45, R. Ivens, 47
LISBOA

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 14.º

VOLUMES PUBLICADOS:

I — Amor e melancolia.
II — A chave do enigma.
III — Cartas de Ecco e Narciso.
IV — Felicidade pela agricultura (1.º vol.)
V — Felicidade pela agricultura (2.º vol.)
VI — A primavera (1.º vol.)
VII — A primavera (2.º vol.)
VIII — Vivos e mortos—Apreciações moraes, litterarias, e artisticas.
IX — Vivos e mortos (2.º vol.)
X — Vivos e mortos (3.º vol.)
XI — Vivos e mortos (4.º vol.)
XII — Vivos e mortos (5.º vol.)
XIII — Vivos e mortos (6.º vol.)
XIV — Vivos e mortos (7.º vol.)

NO PRÉLO:

XV — Vivos e mortos (8.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

XIV

VIVOS E MORTOS

APRECIAÇÕES
MORAES, LITTERARIAS, E ARTISTICAS

VOLUME VII

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
Rua Augusta, 95 | 45, Rua Ivens, 47
1904

SUMMARIO

CLX

O BEIJO

(Dezembro de 1844)

Damos e pedimos parabens pela boa e bem merecida fortuna, de que se está logrando a poetico-musica tentativa dos snrs. Silva Leal e Frondoni, representada sob o titulo *O beijo* no theatro normal e nacional da rua dos Condes.

Os constantes applausos, de que tem gosado esta aliás bagatella, para as forças assim do poeta como do compositor a quem a devemos, são para notar, nos parece, como prospero auspicio, e animação fecunda para o tão desejado e tão desejavel nascimento da verdadeira Opera nacional portugueza.

Já ahi pretendeu quem quer que fosse (se nos não enganam) arguir a *Revista* de contraditoria, por ter annunciado com louvor a representação do *Beijo*, depois de haver constantemente guerreado a Opera-comica dos Condes. A esse fino e sagaz censor,

que Deus guarde de sua mão para terras em que não haja que censurar, responderiamos nós (se fôra caso em que se devesse tornar resposta), que, pela mesmissima razão por que reprovavamos aquillo, é que nós approvâmos isto.

A monomania da Opera-comica estrangeira concorria por dois modos para retardar a ressurreição da nossa Musica peculiar portugueza, morta ha muitos annos pela, aliás boa, Musica italiana, e n'estes annos ultimos enterrada pela semi-musica *vaudeville* dos Francezes.

Para tão desnacional e absurdo fim, absurdo e desnacional nos parecia que era o consentir-se, como se consentia, em que o theatro, subsidiado para normal de declamação patria, consumisse o seu tempo e os seus talentos em cantarolas estrangeiras, mal casadas com versos sem peso nem medida, e executadas (falamos em sentido de patibulo) por actores sem afinação nem escola; e na verdade, todos sabem quanto essa teima de um emprezario estrangeiro, que nenhuma obrigação tinha de zelar, como nós, as nossas coisas, atrazou e viciou os artistas, desvairou o gosto natural, e o bom senso de uma parte da plateia, e deixou os autores dramaticos de mãos debaixo dos braços, á espera de que passasse o cataclysmo misharmonico, para elles recomeçarem os seus trabalhos.

Inimigos da Musica nunca o fomos, nem da Opera, nem das Operas estrangeiras; detestavamos, sim, uma duplice usurpação que ali viamos, do canto á declamação, e

de um genero forasteiro e bastardo de Musica á Musica tão saborosa das nossas Hespanhas, e á preciosa variedade d'ella chamada Musica portugueza.

Bem hajam pois o snr. Silva Leal e o snr. Frondoni, que já principiaram, e promettem continuar, este processo de reinvindicação, de que a final se ha-de seguir o termos, tambem nós, uma Opera como todas as mais gentes d'esse mundo.

Somos inteiramente da opinião do Caetano de Castro, que n'esta farça, toda portugueza, diz á Joanninha:

—«Raparigas, vocês sempre são umas santinhas. Quero-as á noite todas lá em casa para se divertirem. Mando pôr luzes no jardim; ha-de-se dançar o fandango, cantar modinhas saloias...... E' verdade, ó Joanninha, ¡já ha tanto tempo que te não oiço cantar!... Olha, em quanto esperâmos, ¿por que não cantas tu uma modinha? cá da terra, que é das que eu gósto; porque vocês já estão muito lisboetas, já cantam a *Norma* e o *Dominó*, já dançam contradanças francezas...... ¡Como são tolas! fazem-se macacos da gente da cidade no que não podem fazer tão bem como lá se faz; e n'aquillo em que ninguem lhes chega já se vão fazendo esquivas, e desprezando...... ¡Vamos! ¡vá uma modinha!...»

Sim, senhores, vá uma modinha, e vão muitas, que, sendo bem feitas, mais valem ellas para nós que todas as *romances*.

Animem-se com este exemplo outros poetas e musicos a nol-as darem; e por nossa parte só diremos *Basta*, quando as operas,

em vez de serem, como agora, um accessorio, se houverem tornado como então o principal n'um theatro pago para dramas e não para operas, ou quando, em vez de ensinados, ensaiados, e dirigidos, por mestres como o snr. Frondoni e o snr. Leal, os actores, feitos musicos por *curiosidade*, deixarem correr as suas ingratas vozes á revelia da arte, como tantas vezes deplorámos, e tão franca e tão baldadamente lh'o dissemos, em trezentos artigos, que o nosso anonymo censor parece não ter lido.

(*Rev. Univ.*)

CLXI

EURICO, O PRESBYTERO

(Janeiro de 1845)

Difficil e arriscada empreza é pretender julgar um livro novo; novo na data da sua composição, e novo tambem quanto ao genero, ao menos para aquelles em cuja Lingua vem escrito.

Tudo ahi são obstaculos para a critica. Louvores e censuras podem egualmente ser attribuidos a motivos falsos e indecorosos. A impressão de uma primeira leitura, sempre rapida, impaciente, e ao mesmo tempo palpitante de receios de quedas, de perplexidade de effeitos, não se grava no animo com a necessaria exacção; assemelha-se a um quadro de Daguerre representando objectos moveis: alguma luz, muitas sombras, contornos enleados; imagem exactissima em partes, mas no todo perturbada.

Por isso, tambem, annunciando aqui o *Eurico*, não temos a fátua presumpção de o sentenciarmos, usurpando assim ao Publico

e ao tempo um direito, que a elles, e só a elles, compete decisivamente.

Vamos só expôr, com a nossa costumada sinceridade, e mais em forma de consultas que de affirmações, algumas ideias, que se nos suscitaram, á proporção que, arrastados pelo extraordinario talento do autor, corriamos inteiro o livro, de um só fôlego.

I

E' o *Eurico* um episodio historico-phantastico da destruição da Monarchia gôda nas Hespanhas pela invasão dos Arabes; mas como n'este sentido é que elle tem de interessar sobre tudo ao vulgo dos ledores, mau serviço fariamos a elles e ao autor, estragando por um frio resumo antecipado o interesse da narração. Como historico, só dizemos que é um bello estudo, dos que o snr. Herculano sabe e costuma fazer.

A topographia da Hespanha n'aquella época, a sua technologia vestiaria e armamentária, parte dos seus costumes publicos, do seu caracter social, da sua litteratura sagrada, tudo foi indagado com sagaz critica nas proprias fontes, onde as havia, e nos antiquarios de maior crédito, ou rastreado por conveniencias e conjecturas, que, sendo de pessoa tão exercitada n'este genero de trabalhos, não deixam de assumir logo uma especie de authenticidade.

Ninguem cultiva em Portugal tão assidua e proveitosamente, como o snr. Herculano, este espinhoso ramo dos conhecimentos, que as tendencias, todas antiquarias, da nossa

edade nos hão tornado indispensavel. A archeologia historica tem de ser algum dia, se nos não enganâmos, o seu principal brasão, como é já a sua maior delicia no fundo do estudioso e abundante retiro, que a Providencia, por mão de Sua Majestade, lhe outorgou para publico interesse na Real Bibliotheca da Ajuda. Dilate-lhe Deus a vida; e os seculos antigos da Monarchia, já revolvidos sob o pó do seu jasigo pelo autor das *Dissertações chronologicas*, e pelo sapientissimo Cardeal Saraiva, levantar-se-hão á voz e á luz do facho d'este seu segundo evocador, com as côres, com as feições, com os movimentos, e com os trajos, do seu primitivo ser.

Coisas ha no *Presbytero*, pelo que pertence a alguns personagens e acontecimentos da época memoranda elegida para tela da sua ficção, em que lhe foi necessario, ou util, desviar-se do rigor historico; mas, ainda então fiel á sua originaria missão de investigador, propagador, e vingador das verdades archeologicas, é para ver o summo tento, a escrupulosa lealdade, com que em notas restitue á integridade dos factos o que em seus poeticos arrojos ousára por momentos sonegar-lhe; é um bello e nobre exemplo, em que mais de um escritor europeu bem poderiam aprender e envergonhar-se.

Este merito, porém, com quanto raro em toda a parte, é já trivial nos escritos do nosso autor; e assignalando-o, nada mais fazemos que repetir o que é notorio.

II

Passemos á segunda consideração: a do effeito moral, a da tendencia social do livro.

O ponto de partida do *Eurico* é manifestamente o mesmo que o do *Jocelyn:* o celibato do Clero catholico.

Sobre este ponto, ambos os dois illustres escritores fitaram, como outros muitos antes d'elles, e como toda a gente (ainda a mais egoista e irreflexiva) alguma vez o terá feito, a sua particular attenção; e apiedaram-se, e choraram da alma lagrimas generosas sobre a perpetua viuvez terrestre, sobre a esterilidade e orphandade, do ministro dos altares. Mas, partindo d'este ponto, em que os seus corações palpitavam unisonos, seguiram, meditando e modulando as suas harmonias intimas, por dois caminhos, se não contrarios, pelo menos divergentes: Monsieur de Lamartine para o lado do templo; o snr. Herculano para o da sociedade.

Monsieur de Lamartine foi procurar no seio mesmo da Religião o balsamo para essas feridas, abertas em seu nome e por ella mesma; e achou-o na caridade. A falta do amor da mulher era um vazio enorme; mas, para o encher, havia felizmente dois amores, immensos, e, de mais, infinitos: o amor de Deus, o amor do genero humano. Jocelyn, amante e amado, Jocelyn cingido do seu tremendo voto como de um cilicio, renuncía o sexo todo na pessoa de Lourença; passa, martyr da virgindade, as mais tremendas provações, sem uma unica das illusões propícias do amor; sem ao menos ter amante, arde em

ciumes. E' aos olhos d'elle, finalmente, e sob o exercicio do seu consolador e terrivel ministerio, que a alma com que a sua tinha tão perfeita affinidade, que ambas mutuamente se procuravam como duas metades de um só todo, a alma de Lourença, absolvida por elle de o haver amado, se exhala para os Ceos, legando-lhe um cadaver ainda encantador, para o levar elle proprio á sepultura, no sitio em que tiveram o seu casto e ineffavel paraiso. Mas os ultimos dias d'este homem de dor, a Fé, a Caridade, e as Esperanças tambem de tornar a ver Lourença n'outro paraiso onde se não morre, os seus ultimos dias na riquissima pobreza do seu presbyterio dos Alpes, as tres virtudes divinas lh'os suavisaram, lh'os floriram, lh'os poetisaram, lh'os encheram de antegostos da Bemaventurança. A hora solemne o achou prestes e contente para a partida; nem terrores nem saudades o assaltaram no seu leito. O que para os outros é agonia, foi para elle sorriso, o seu primeiro sorriso na terra, que tinha de se ir continuar na Eternidade.

O snr. Herculano viu no seu presbytero *Eurico*, poeta como Jocelyn, como Jocelyn amante, e tambem como elle amado sem o saber, um coração de diversa tempera: mais soberbo, mais indómito, mais silvestre, mais relutante contra a fatalidade. Viu o bater a golpes redobrados na pedra do deserto, e d'ella não sahir nenhuma fonte refrigerativa para a sêde que o abrazava. Viu-o restituido á agitação do mundo, lançado no turbilhão vertiginoso das batalhas, e não podendo, no meio de tanto

movimento e estrépito, esquecer a imagem de Hermengarda; tel-a sempre ahi, tão presente á sua irremediavel viuvez, como nas caladas noites do seu presbyterio de Carteia, e nas suas procellosas e sublimes ascensões aos rochedos brutos e inhóspitos do Calpe sobre o mar. Viu-o terminando a sua miseravel existencia por um quasi suicidio. Horrorisou-se; e, mostrando aquelle cadaver á sociedade, pareceu dizer-lhe: «Eis ahi o bello fruto de uma instituição anti-natural e anti social; foi a Religião, como vós a praticais, quem o matou.»

III

Um quadro que o snr. Herculano desenhou, com mão de mestre, no seu prologo, ¿não será por ventura mais poetico do que philosophico?

Defenda nos Deus de tocarmos n'uma só pétala d'essa corôa rescendente, que elle pôz na cabeça do Anjo terrestre chamado Mulher. ¿Mas será bem verdade que, sem a possuir, a vida se converta irremissivelmente no inferno de Tantalo?

¿Deveremos nós medir, pela intensão e extensão das necessidades dos nossos proprios corações profanos, necessidades de certo ponto para diante feitiças, e quasi sempre augmentadas pelas nossas phantasias, pelo nosso amor proprio, pelos nossos habitos, por mil seducções que no viver mundano nos rodeiam, e a que o mundo facilmente nos perdôa de succumbirmos, deveremos nós (perguntamos) medir por estas

nossas necessidades as do Levita creado com outra ordem de ideias; repellido sempre para o centro d'ellas pelos olhos attentos e desconfiados das multidões; modificado até na sua essencia de homem por habitos de muitos annos; absorvido em seus cuidados especiaes e activissimos; na presença contínua das dores, das miserias, e da morte, recebendo a cada passo um novo desengano, e enthesoirando o para prégar aos felizes *memento mori*; emfim, pelas preces e canticos religiosos de todos os dias, attrahindo (ao menos na cogitação), como as flores perfumadas o são pelo sol, para as alturas onde a Fé lhe diz que moram deleites, em comparação dos quaes o sorriso mesmo da Mulher é tristeza e amargura?!

E' claro que nós não falamos aqui senão do verdadeiro Sacerdote; d'aquelle que, semelhante ao Jocelyn, sente rescender no seio da sua alma, junto ao fasciculo da myrrha, as tres flores do Paraiso: a Fé, flor de luz, a Esperança, flor de alegria, a Caridade, flor orvalhada de lagrimas e destillando mel. Em relação aos outros, toda a argumentação seria impossivel, e inconcludente.

O autor (parece-nos) deixou-se allucinar pelas inspirações da sua indole compassiva, e creou ou engrandeceu elle proprio, o infortunio, sobre que depois cahiram as suas harmoniosas lamentações.

IV

Isto, pelo que toca ao sentimento, visto que é só por este lado que o autor nos de-

clara querer olhar a questão; «porque — diz elle — «o celibato perpetuo do Clero é con-«demnado por uns como contrario ao inte-«resse das Nações, como damnoso em mo-«ral e em politica; e defendido por outros «como util e moral. Deus me livre de discu-«tir materia tantas vezes disputada, tantas «vezes exhaurida, pelos que sabem a scien-«cia do mundo, e pelos que sabem a sciencia «do Ceo.»

Não a trataremos, pois, tambem nós, posto que inteiramente exhaurida nos não parece ainda que ella esteja; aliás não a veriamos apresentar ainda em nossos dias argumentadores eloquentes: em defensa do celibato sacerdotal, homens taes como um Châteaubriand, um Tassoni, um De Maistre, um Milner, um Husembeth: e em impugnação do celibato homens taes como Aimé Martin e o snr. Herculano. Não veriamos, emfim, dentro no proprio Christianismo, dois sacerdocios rivaes: o Protestante com toda a immensa bagagem de mulheres, de filhos, de negocios, de cuidados, de testamentos; e o Catholico, não alegre talvez, mas sereno e satisfeito no meio da sua familia innumeravel, o povo, o genero humano.

O celibato clerical não é, em verdade, um dogma; a Egreja, que o estabeleceu, pode inquestionavelmente derogal-o. ¿Mas fal-o-ha ella? ¿Quem se atreveria a asseveral-o?!

E se o não tem de fazer, ou se o não ha de fazer immediatamente, parece-nos que melhor é, que ou n'esta questão se não toque, ou só a tratem os que teem por melhores as doutrinas estabelecidas.

Com a tendencia demasiadamente desenvolvida hoje nas turbas, para tudo quanto é demolir e derrocar, no seu frenesi insaciavel de innovações, no entibiamento geral de todos os vinculos de deveres, começando pelos religiosos, estas theorias, adversas ás praticas assentes em Leis, e para cuja revogação não chega a soberania do Povo, nenhum outro effeito podem produzir, que não seja a indisciplina; e, como o Povo salta depressa, e nem sempre com a melhor logica, de consequencia em consequencia, o escarneo e desprezo dos dogmas, o desacato, a soltura desenfreada, a perdição de todas as coisas humanas, depois da subversão de todas as divinas.

Ninguem ainda esqueceu, que perturbações chegou a causar entre nós a simples proposta do snr. Passos para o casamento dos Clerigos, como ninguem ignora quanto novidades de certa especie abrem sempre, mais ou menos, entrada a desordens e escandalos.

Resumâmos: o celibato clerical é um principio assentado na Egreja catholica; como tal, não deve, não pode, ser controvertido, salvo pelos legitimos vogaes de algum Concilio, que se haja de instaurar para esse fim; até então, nem em these de philosophia é licito impugnal-o, como o fez o aliás estimabilissimo autor da *Educação das mães de familias*; nem ainda em hypóthese, como ás turbas certamente parecerá havel-o pretendido o mui orthodoxo autor de *Eurico, o Presbytero*.

Repetimo-lo, para que nos entendam bem:

Crêmos firmemente na innocencia das intenções que presidiram á composição d'este livro; mas firmemente crêmos tambem em que noventa e nove centesimos do Povo o tomarão como uma parábola, que dentro na *hypóthese* encerra toda a *thése*, como uma reproducção litteraria do projecto legislativo do snr. Passos, como uma intenção de predispôr pelo sentimentalismo, como dizem, para uma revolução religiosa; revolução, que o snr. Herculano está de certo tão longe como nós de desejar, e até de julgar possivel. Por todos os seus escritos religiosos do tempo em que redigiu *O Panorama*, e por outros muitos por elle publicados mais recentemente, se demonstraria a quem o não soubesse quanta injuria lhe faria quem de veras lhe imputasse a sedicioso proposito, aquillo que aliás parece inferir-se d'este livro.

Estes inconvenientes, ou perigos, que se nos figurou descobrir na obra, e que tivemos por dever apontar, facilmente os poderia o autor destruir nas ulteriores edições, accrescentando-lhe segundo prologo, ou supprimindo o primeiro, ou modificando-o na parte em que os maliciosos imaginam descobrir uma tendencia, que nunca foi a do autor: uma tendencia anti-catholica.

V

Um dos maiores perigos, que nos paizes mal illustrados correm os homens de altissimo entendimento, é este: de causarem muitas vezes graves males, sem o quererem

nem presumirem. Então, aos que mais de perto lidam com o Povo toca servirem de intermedio entre a ignorancia e a sciencia; dizer a esta:

—«Desce um pouco, a fim de sêres comprehendida;»

dizer áquella:

—«Não te apresses de julgar, pelas tuas medidas pequenas e falsas, o que ainda não comprehendeste; calumniarás e envergonharás o genio. fazendo-o descer, complice teu, até ao nivel das tuas ideias, das tuas preoccupações, e dos teus suppostos interesses».

E' isto, é só isto, o que nós havemos procurado, expondo ao escritor e aos leitores, qual nos pareceu que poderia figurar-se, sem comtudo o ser, a tendencia moral e o fim social d'esta composição.

VI

Passemos a dar conta, com egual candura, da impressão, que em nós produziu como obra litteraria.

Indigno seria do autor e de nós, começarmos, a modo de ressalva, com protestos de quanto respeitamos (nós, como todos os Portuguezes) o talento extraordinario do snr. Herculano.

O amor da verdade, para o qual nada concorreu jamais o affecto que sempre lhe tivemos. e lhe conservaremos até ao fim, tem feito com que, de todos os louvores que se lhe hão dado, os maiores, os mais energicos, os mais sem reserva nem inveja, os

mais variados, os mais constantes, e os mais antigos, sejam os nossos.

Como philosopho, como poeta, como historiador, como romanceiro, sabem os nossos leitores de que modo cem vezes o havemos proclamado na *Revista*. Fóra d'ella, em quasi todas nossas obras havemos sempre procurado, e achado, occasião de lhe tributar semelhantes homenagens.

Ainda no Publico se não tinha ouvido o seu nome, quando nós, nós antes de ninguem, o annunciavamos por escritor já distincto, e futuro esplendor das patrias Lettras.

A primeira manifestação brilhante do seu vasto saber e engenho profundo, foi a redacção do *Panorama*. Para essa redacção, que a nós nos fôra offerecida, e de que então nos era impossivel encarregarmo-nos, fomos nós quem, affoita e confiadamente, o proposémos, como de todos o mais idóneo para um bom desempenho.

Depois de tudo isto, pueril seria, sobre superfluo, apresentarmos ainda hoje protestações verbaes de amisade e veneração para com a pessoa e escritos do snr. Herculano.

Dizemos pois chanmente, que o seu romance, ou poema, de *Eurico* nos produziu quasi constantemente duas impressões diversas. Considerado em si mesmo, e sem relação á sua possivel influencia litteraria, pareceu-nos admiravelmente bello; tomado porém como norma ou exemplar, perigoso, e altamente perigoso.

A severa e sombria invenção do *Eurico* pedia (nem talvez admittisse outro) um es-

tylo perpetuamente levantado, energico, solemne; estylo que tem por escolho occulto, e nem sempre declinavel, a exageração e a emphase, e com o qual, até sem se cahir no excesso, difficillimo é escrever algumas paginas, que o geral dos leitores hajam de seguir sem canceira e com praser. Grande talento, grande habilidade, grande pericia de escritor, mostrou quem, no decurso de trezentas, empregando em todas ellas uma só côr de estylo, soube conservar-nos o espirito attento e satisfeito. Mas como a reunião d'esses raros elementos de genio é rarissima, quasi todos os que, fascinados pelo brilho d'esta amostra, o procurassem imitar, fariam obra tanto mais desgraçada e insoffrivel, quanto maior seria a pompa e vaidade, com que nol-a quereriam encampar por milagrosa.

VII

A epoca elegida pelo snr. Herculano para fundo da sua acção, é solemne.

Duas grandes Monarchias, e as duas maiores Religiões do mundo, a braços.

Pelagio é um homem sublime; um d'estes homens que cifram em si um povo e os seus destinos. Eurico, um gigante moral, que se poderia decompôr em tres grandes homens: o sacerdote solitario, o poeta inspirado pela Religião e pelo amor, e o guerreiro, heroe pela sua Patria.

Tudo isto eram germens de bellezas; mas tudo isto eram tambem difficuldades de primeira plana.

O snr. Herculano commetteu-as; ¿quem

o reprehenderia? Fiava-se nas suas forças, e não se enganou.

A Historia, ¿quem melhor ue elle a conhecia? O tom philosophico, e o estylo alto que ella demandava, ¿quem poderia disputar-lh'o? Os tres personagens, de que o seu personagem principal se compunha, tinha elle nas suas recordações, e na sua experiencia propria, por onde os rastrear e conseguir.

¡Soldado! o snr. Herculano o fôra, e exposéra a vida em vinte combates desesperados.

¡Solitario e meditativo! o snr. Herculano o é pela sua estudiosa vocação.

¡Poeta, e poeta religioso! o autor da *Harpa do crente* não tem n'essa parte a quem inveje.

¡Mas que outrem, com menos habilitações naturaes e accidentaes, ponha peito a uma façanha semelhante!

.... *professus grandia turget*;

terá litterariamente o fim da ran da fabula a encher-se de vento para egualar o boi, que passeia majestoso por cima das hervas que a encobrem.

VIII

Se o nome do snr. Herculano não fosse uma autoridade, uma recommendação, uma seducção quasi irresistivel, pouco se nos daria da influencia do seu livro.

O gosto em Portugal vem apenas alvorecendo. Os seus primeiros raios são ainda confusos, e perturbados de muitas trevas. A

exageração no sentimento e no estylo, uma especie de gongorismo reformado, é um dos vicios predominantes, que os vindoiros teem de reprehender com muito escárneo á Litteratura d'esta edade; é uma poesia juvenil, com todas as vantagens, mas tambem com todos os defeitos, dos annos verdes, e o maior empenho de todos os amantes dos verdadeiros progressos deve ser encaminhal-a por fóra dos precipicios, e em seus delirios reprimil-a.

Os mancebos, que são hoje quasi em toda a parte os seus cultores, e entre nós tambem, propendem essencialmente para tudo quanto é novo e maravilhoso, embora falso, extravagante e vazio; e, bem que ricos de phantasia, que é a verdadeira potencia creadora, deixam-se insensivelmente ir, sem perguntar por onde nem para onde, imitadores sempre prestes e irreflexivos, apoz o primeiro phantasma esplendido que se levantou evocado por um grande homem.

¿Que seria d'estas pobres Lettras portuguezas, se, em vez de uma escola de singela e amena verdade, de que excessos contrarios tanto as teem feito carecer, se lhes podesse apresentar cada anno um ou dois livros como o de *Eurico*? A essas bellas cbras, não haveria remedio senão fazer-lhes o mesmo, que o fundador da Republica ao divino Homero: coroal-as, e desterral-as.

Parece maldição expiatoria dada a muitos dos talentos mais eminentes, que não engendrem senão raça engoiada de copistas vis, discipulos que, procurando honral-os, os envergonhem e desacreditem.

¡Que de exemplos não poderiamos citar d'isto, sem até sahirmos da nossa terra!

¿Que produziu o engenhoso Vieira? prégadores de argucias indigestas, e de originalidades chilras.

¿Que produziu Filinto? desenxabidos desentoadores de versos, e de linguagem.

¿Que produziu Bocage? fabricantes de estrepitosos versos recheados de nada.

¿Que produziu José Agostinho de Macedo? tôrpes maldizentes, em prosa indigna até da maledicencia.

E todavia, eram quatro homens aquelles, cada um na sua esphera, admiravelmente grandes. Mas a grandeza real de um escritor não é o que elle possue de mais transfusivel; os seus defeitos, muitos dos quaes são ás vezes o excesso das suas prendas, esses é que facilmente se lhes tomam; e com isso, sem mais nada, já cuidam muitos nescios egualal-os.

IX

Concluâmos, que é tempo.

O *Eurico*, em nossa particular e respeitosa opinião, é um livro mui notavel para ser lido; muito improprio para ser inculcado por *vade mecum*.

Os seus desenhos são severos, grandiosos, e todos a negro. Foi uma valente mão a que os perfez; só outra valente mão os poderia copiar, e faria mal se o fizesse. São como as poesias de Ossian: maravilham, e largam-se.

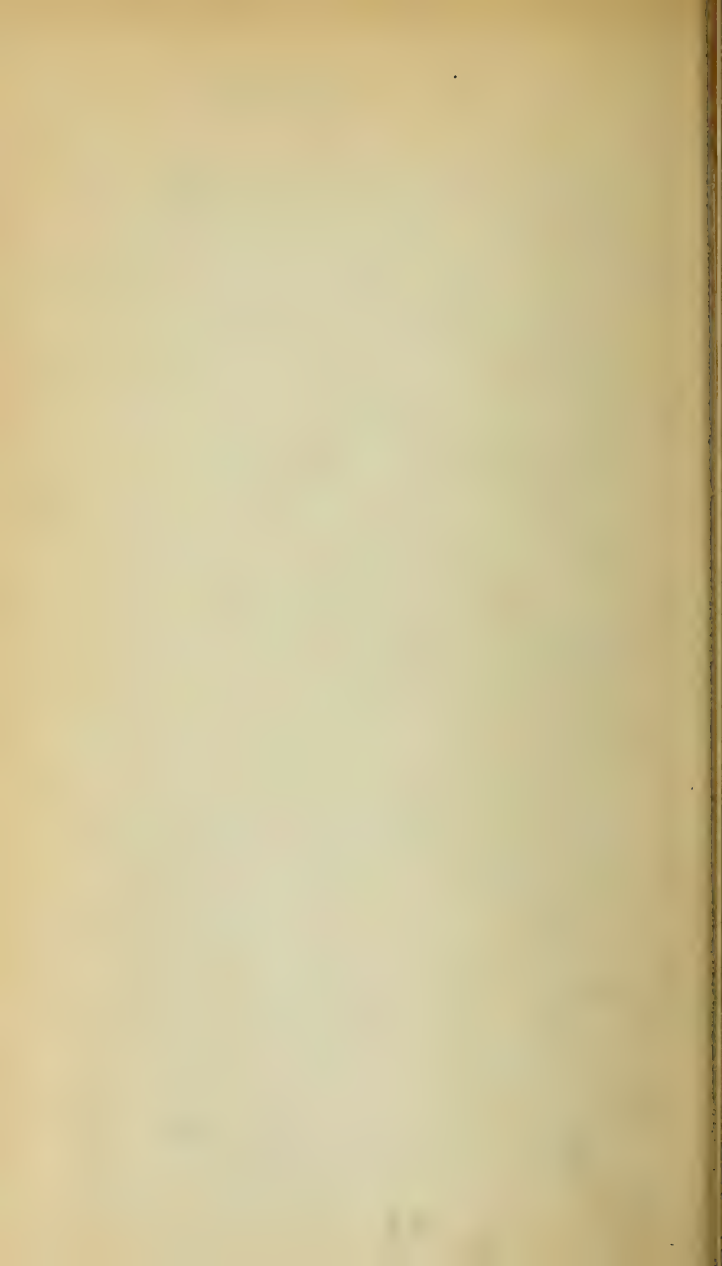
O de que hoje principalmente carecemos, o que pedimos, e o que esperamos virá

apparecendo, são obras correntes, accessiveis a todos os entendimentos, aptaveis a todos os gostos; espelhos do mundo, da alma, e do coração, tres coisas em que ha sempre misturada toda a sorte de côres e de tons.

Autores podiamos já aqui denunciar, por quem taes obras nos podem e nos hão-de ser trazidas; mas não queremos hoje falar senão d'aquelle com quem encetámos este artigo, e que de boa-vontade citaremos como um dos primeiros entre os primeiros.

O Monge de Cister, que ha-de seguir ao *Presbytero*, formando, como elle, parte da collecção de romances do snr. Herculano com o titulo de *Monasticon*, quanto é possivel julgarmol o pelas amostras que d'elle temos visto impressas, ha-de ser muito mais obra para se inculcar ao estudo e meditação da mocidade, ainda não formada.

Emfim: quando outra prova não tiveramos do muito que se deve aguardar, que se póde e se tem direito para se exigir, do talento romanceiro d'este estimavel escritor, senão *A abóbada*, a *Abóbada* bastaria para se lhe não recusar um dos logares mais distinctos.

(*Rev. Univ.*)

CLXII

ALIENADOS

(Dezembro de 1844)

Com muito proveito havemos lido, e estudado, o pequeno mas importantissimo livrinho recem-dado á luz pelo nosso tão conhecido e tão sabio medico, o snr. Bernardino Antonio Gomes, sob o titulo *Dos estabelecimentos de alienados nos Estados principaes da Europa em 1843*; 1 vol. em 8.º, de 123 paginas, ornado de varias cartas illustrativas lithographadas.

Esta obra, preciosa no conceito dos peritos, accessivel a todas as luzes, e por tal arte escrita, que se lê inteira de um fôlego, e com grande prazer, é fruto de profundas meditações de um homem, que, dotado de singular talento e juiso, pôz peito a estudar, quanto lhe fosse possivel, a materia, não só nos escritos que a tratavam, não só nos homens eminentes que a professavam com amor e zelo, mas em si mesma.

Na sua ultima viagem scientifica por ter-

ras da cultissima Allemanha, e outras, dominado sempre da generosa ideia de preparar em silencio um futuro menos cruel para a numerosa e infeliz classe dos alienados, o snr. Gomes viu, palpou, analysou, e a final julgou magistralmente, todos quantos estabelecimentos a Caridade e a Sciencia, de mãos dadas, teem, nas differentes partes, erigido para os mais sympathicos de todos os enfermos: para os enfermos do espirito.

O tempo, que outros haveriam malbaratado em recreações frivolas ou egoistas, ou (quando muito) em enramalhetar curiosas noticias de artes, de costumes, de philosophia, ou de politica, para virem enfeitados com isso brilhar nas conversações das assembléas, ou nas paginas de algum periodico mais ou menos frivolo, essas horas do viajante, tão difficeis de concentrar no meio de tão encontradas, e ás vezes tão irresistiveis attracções, teve elle a não vulgar hombridade de as empregar, todas, no objecto mais proveitoso sim, porém de todos incontestavelmente o mais penoso. Por isso tambem, n'uma questão de tamanha importancia, como é hoje entre nós a da fundação e regimento de um hospital de loucos, temos n'elle (affoitamente se pode dizer) um conselheiro insuspeito, um guia seguro, e um mestre, a quem nem inimigos, se os tivesse, poderiam negar a primasia.

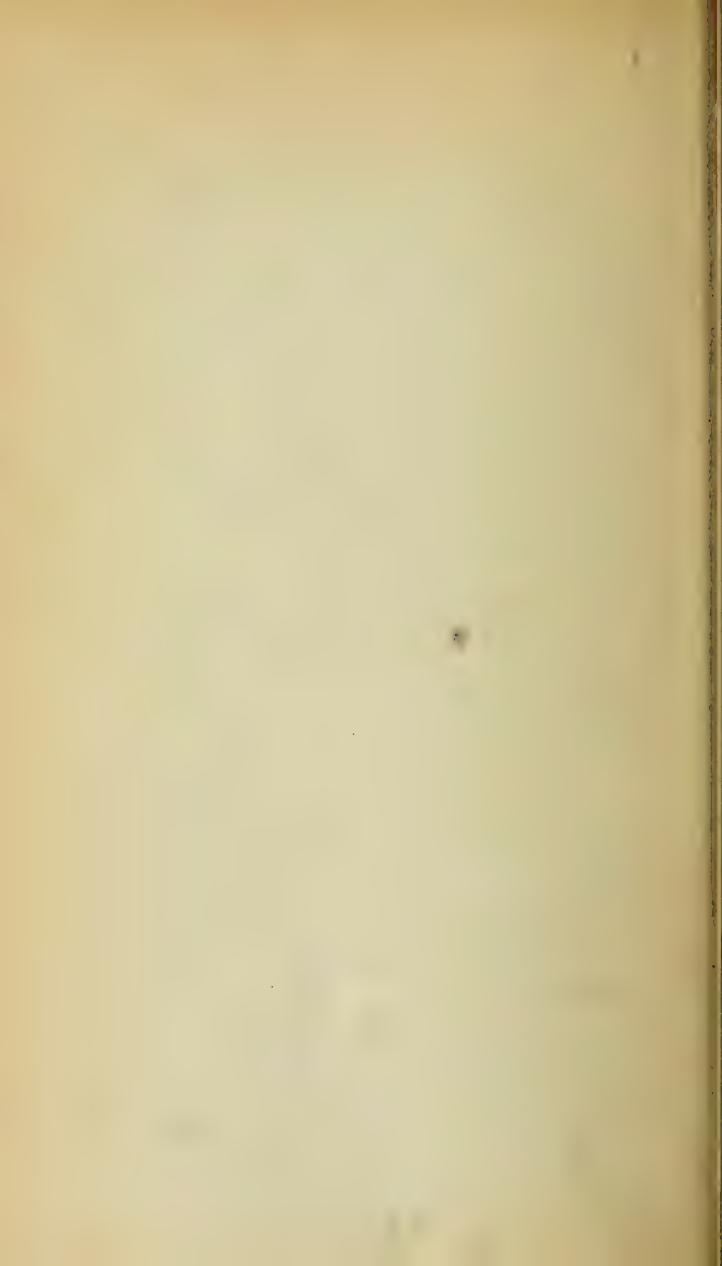
Pesa-nos não poder resumir ao menos algum dos pontos principaes, que o autor discute no seu tratado; mas não o podemos, que nol-o veda o receio de os enfraquecer, arrancando-os d'entre todos os outros, com

que são intimamente ligados, e com os quaes constituem um todo harmonico e indivisivel.

Diremos só, que uma sua convicção, que parece inabalavel, e que elle nos soube incutir qual em si a tinha, é esta: «que para um hospital de alienados nenhum edificio pode servír, que fundamentalmente não fôsse para isso destinado»; convicção, de que oxalá o paternal Governo d'este Reino se chegue tambem a possuir.

Mas terminemos, deixando falar o proprio autor sobre a necessidade, a indispensabilidade, a urgencia, e as facilidades tambem, de tal edificação:

(Seguia-se um longo excerpto da obra do Dr. Bernardino Antonio Gomes. Entenderam os editores d'este livro não a intercalar aqui por maior brevidade).

(*Rev. Univ.*)

CLXIII

DESPEDIDA DO ANNO

(Janeiro de 1845)

O valor das poucas linhas que seguem não está todo n'ellas mesmas. Foram escritas por uma donzella na primeira flôr da mocidade, e tão illustre pelo seu saber, e pelos seus piedosos sentimentos, como pelo sangue que nas veias lhe circúla, que é do mais antigo e fidalgo d'este Reino.

Démos palavra de não descobrir o seu nome; dolorosamente a cumprimos, esperando comtudo, que tão distincta e mimosa collaboradora, quando outra vez enriqueça as nossas paginas, nos levantará este pesadissimo interdito.

Se já d'aqui lhe supplicamos que o faça, não é por vaidade, que bem perdoavel nos sería, mas principalmente porque importa excitar, com exemplos assim respeitaveis, um sexo, que, podendo contribuir tanto, e por mais de um modo, para o esplendor das Lettras, se conserva ainda, com espantosa

paciencia, sob o influxo da estrella mahometana, e de um ou dois proverbios, tão insensatos como tirannos, com que os nossos avós as condemnaram á ignorancia, á obscuridade, á condição de autómatos, a um limbo de toda a vida.

Dies mei transierunt, cogitationes meæ dissipatæ sunt torquentes cor meum.

«Repara, ó donzella: da corôa te cahiu uma folha de rosa. ¿Que importa? ¡Se o tempo que levou um praser te trouxe talvez uma virtude!

«Mancebo, um anno diminuiu tua existencia. Cautela; mais veloz que o ar, corre a vida.

«Ancião, uma folha de cipreste cingirá tua fronte pendida.

«Um anno passou; ¿e que resta d'elle? consolações, ou remorsos.

«¿Que resta d'essa multidão de praseres, que aturdia o coração do homem? a lembrança. ¿Do cardume de dores que lhe pungiram a alma, o que ficou? uma dor ainda mais pungente, a recordação de seus males.

«Uma rosa branca desabrocha aos pés do Creador; é uma virtude, que um coração innocente praticou sobre a terra. Um lirio rôxo levanta sua cabeça mimosa; foi o sangue da penitencia que o salpicou. Quaes pérolas brilhantes, fulguram nas mãos dos Anjos lagrimas de coração dilacerado. Musica sonóra ressôa nos Ceos; é o gemido do afflicto. As preces dos justos que vivem sobre a terra, como nuvem de cheiroso incenso envol-

vem o Throno de Deus tres vezes Santo. Porem... novas e multiplicadas fogueiras chammejam nos infernos; são o castigo dos criminosos.

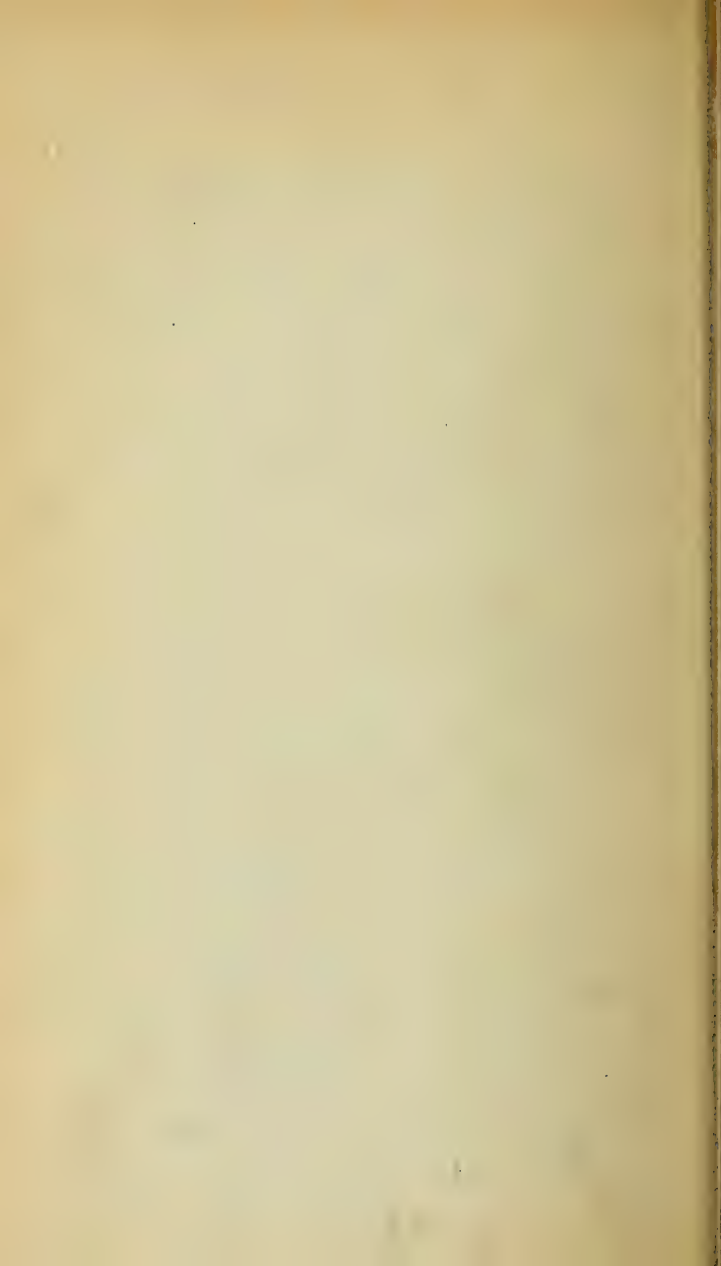
«Um anno passou; uma pagina da vida foi rasgada; e ¿o que é isso em relação á Eternidade? uma gotta de agua, que cahiu no Oceano.

«Apenas vicejante, logo murchou o botão que nos promettia esperança. A felicidade não chegou a florescer; os males cresceram sem cultura. ¡Triste do homem que não dá um passo, sem topar com o castigo do peccado, que antes de nascer commettêra!

«A vida vai seu caminho, sem que obstáculos a façam parar; e o homem, egualmente louco em suas alegrias e em suas penas, ou deseja prolongal a para gosar um praser ephémero, ou transpôl-a para findar um padecimento, que, longe de o aviltar o eleva. ¡Loucos! Nem um nem outro se lembra que, além da vida, um bem sem fim ou um mal sem remedio os espera.

«O ponteiro passou sobre a ultima hora de uma época, lá n'esse relogio infallivel que conta por dias seculos, por annos a eternidade. ¿E tu que fizeste? Choraste por uma dor que tinhas de passar, ou riste por um praser que se desfez como fumo.

«O tempo corroeu um elo d'essa cadeia que prende seu primeiro anel no berço, o ultimo no tumulo; e tu, louco, ¿tu não percebeste? Porém talvez que os vermes do sepulcro já se aprestem para o festim.

«Lisboa, 31 de Dezembro de 1843.»
(*Rev. Univ.*) * * * *

CLXIV

ANTONIO PEREIRA DA CUNHA

BRAZIA PARDA—A HERANÇA DO BARBADÃO

(Janeiro de 1845)

O drama de *Brazia Parda*, pelo sr. Antonio Pereira da Cunha, já se anda ensaiando, e brevemente se representará no theatro dos Condes.

Se a execução corresponder ao escrito, será peça para muitos applausos, e muito tempo.

Da comedia das *Duas filhas* a esta, vai uma incommensuravel distancia de merito; cada passo d'este illustre mancebo equivale a um arrancado vôo de aguia.

Deus lhe restitua as forças muito cedo, que na sua enfermidade enfermam tambem, não levemente, as Lettras patrias.

A' *Brazia Parda* seguirá o drama *A herança do Barbadão*, o mais recente dos escritos do mesmo autor, que nos acaba de encantar com a sua leitura.

A herança do Barbadão pertence á escola

moderna reformada; é uma vingança negra e atroz, muito crime e muita fatalidade, mas nem punhaes nem venenos, nem infernos, nem demonios; estylo chão e caseiro, eloquencia natural, grandes effeitos com pequenas palavras.

O snr. Pereira da Cunha pertence á escola dramatica do snr. Garrett; exemplar para dialogo, não o podia escolher com mais acerto. E' um discipulo que dá honra ao mestre, e que já tambem como mestre poderemos citar e seguir quanto a isso.

(*Rev. Univ.*)

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

CLXV

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

A POBRE DAS RUINAS

(Janeiro de 1845)

A maré das composições dramaticas vai enchendo a olhos vista.

Se outros beneficios, que se esperavam e se deviam esperar, não trouxe a fundação do Conservatorio Real da Arte Dramatica, este de crear poetas para a scena, que era de todos o maior, larga e larguissimamente o produziu.

A posteridade não haverá só devido ao snr. Garrett uns poucos de livros primorosos assignados com o seu nome, mas uma ampla collecção de dramas portuguezes, e os primeiros em portuguez merecedores de serem por ella recebidos.

Dos varios mancebos, que uma nobre emulação trouxe a colher palmas n'este campo, ainda ha dez annos tão ermo e tão estéril, foi o primeiro, tem sido o mais cons-

tante, e o mais constantemente coroado, o snr. Mendes Leal.

Seis dramas originaes, todos diversos no fundo e na forma, enchem o curto intervallo que separa os *Dois renegados* da *Pobre das ruinas*, que o mesmo autor começará brevemente a ensaiar no theatro dos Condes. Mas, se tanta fecundidade de invenção é rara, mais rara e mais louvavel é ainda a candura, a probidade litteraria (digâmol-o assim), com que, docil ás criticas dos seus sinceros amigos, e ás advertencias da sua propria reflexão, tem sabido de victoria em victoria ir-se expurgando, não diremos dos seus defeitos, mas do excesso das suas boas qualidades: da exageração do sentimento, do arremeçado nos pensamentos, do nimio extraordinario nas ficções, em summa: de tudo aquillo, que, posto agrade ás turbas, não deixa comtudo de ser condemnado por um gosto mais illustrado e mais seguro que o d'ellas.

A pobre das ruinas pareceu-nos (se é licito avaliar uma obra d'este genero por uma primeira leitura) o melhor e o mais eloquentemente sincero dos escritos dramaticos do nosso amigo.

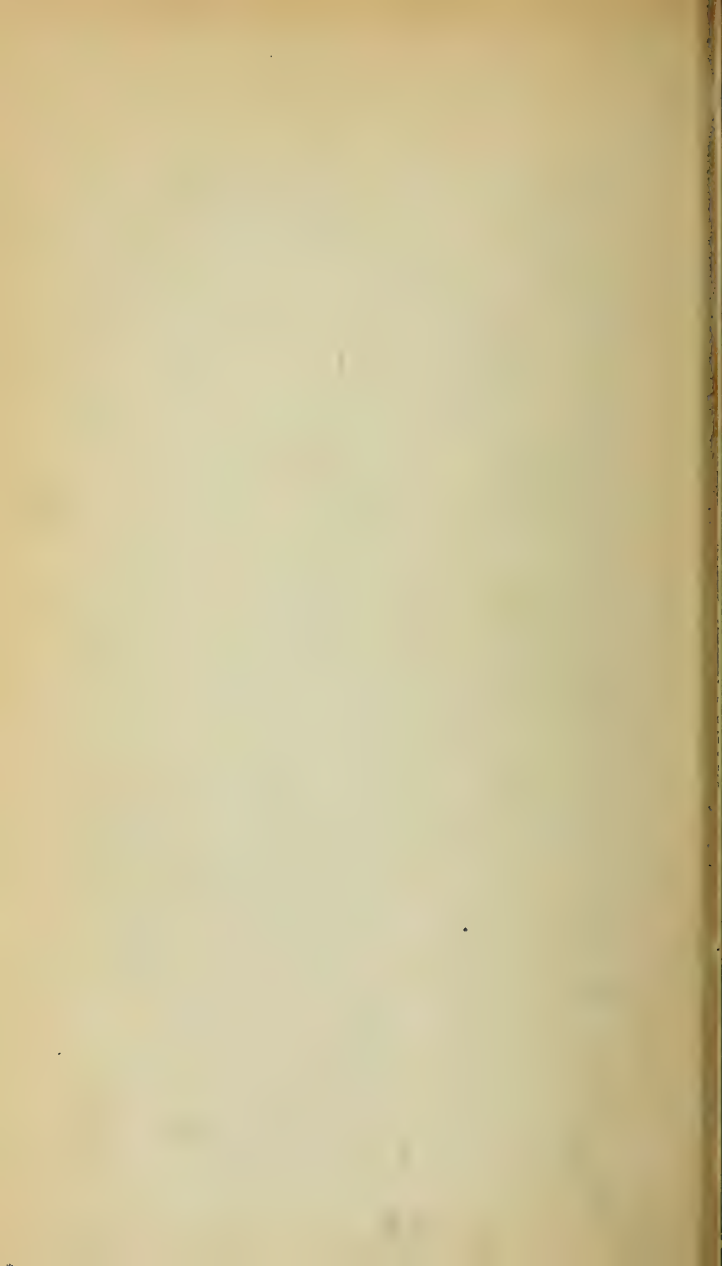
A lastima é que um engenho, que, por tantas e tão claras provas, tem manifestado ser para muito, não gose de uma fortuna independente, que lhe permitta entregar-se todo ás suas nativas inspirações; que o espirito roje escravo das necessidades da materia, d'essas miseraveis necessidades, que tão pouco, tão pouco, bastaria para destruir. Traduzir, imitar pobres comedias, e até po-

brissimas farças do francez, quem n'esse tempo nos podia crear novos titulos de gloria, dramas como *A pobre das ruinas*, ou tragedias como o *Viriato*, é atroz. E entretanto, vê-se e tolera-se. O theatro normal para ahi está devorando a quem o podia e devia engrandecer. Mas deixemos isto.

O martyrio de um poeta, isto é, de um homem eminentemente sensivel, que é obrigado, para não morrer á mingua, a comer ás escuras a sua propria alma, ninguem o pode entender senão quem o passa.

¿Que importou ao povo contemporaneo de Chatterton a morte prematura de Chatterton? ao povo contemporaneo de Gilbert e Malfilâtre, a morte prematura de Gilbert, a morte prematura de Malfilâtre? ao povo contemporaneo de Homero a mendicidade de Homero? ou ao povo contemporaneo de Camões o hospital de Camões?

Tudo que a esses homens se devia, só lh'o pagaram depois os vindoiros em palavras, lamentando que o egoismo e indifferença de seus avós os desherdasse do que o genio lhes poderia ter legado. São peccados que todas as gerações, mais ou menos, commettem, sem se sentir, mas que nenhuma perdôa ás que a precederam.

(*Rev. Univ.*)

CLXVI

CURSO DE NUMISMATICA

(Janeiro de 1845)

A 24 do passado, depois do meio dia, achava-se reunido no gabinete do Bibliothecario Mór um lusido e numeroso concurso, para assistir á inauguração da cadeira de Numismatica.

Pronunciou o snr. José Feliciano de Castilho algumas palavras relativas áquelle acto; e, depois de ter lido a portaria, em que lhe foi transmittida a Real Ordem, pediu licença ao snr. Ministro do Reino, Inspector geral d'aquella Repartição, para que o snr. Conservador das Antiguidades, Francisco Martins de Andrade, recitasse o discurso de abertura.

Sendo concedida, tomou o snr. Andrade o seu logar, e n'um discurso rico de subidas considerações, e de galas de estylo, soube durante uma hora captivar a attenção de todos os ouvintes, remontando-se a grande altura, desenvolvendo, com grande vastidão

de conhecimentos, propriedade de demonstração, e em linguagem technica, as vantagens dos estudos numismaticos para a Historia, Chronologia, Archeologia, Bellas-Artes, Poesia, etc., e rendendo os testemunhos de devida consideração á suprema Autoridade, a cuja activa e desvelada cooperação mais este novo estudo é devido.

Mais de vinte pessoas das presentes concorreram a matricular-se para o curso biennal, cuja primeira lição será no dia 16 do corrente, e as seguintes nas quintas feiras de todas as semanas ás 3 horas da tarde n'uma sala do Deposito geral das livrarias dos extinctos mosteiros (convento de S. Francisco), achando-se as matriculas abertas entre os dias 8 e 15 de Janeiro.

Dizem-nos que o bello discurso do snr. Andrade vai sahir impresso no *Diario*; para então reservamos dizer dos seus méritos, que mal podem ser avaliados de ouvida.

(*Rev. Un v.*)

CLXVII

Especie de Prologo forçado, e fóra de tempo

(Janeiro de 1845)

N'uma carta do snr. Braz Tisana impressa no *Periodico dos pobres*, do Porto, de 10 de Janeiro se lê o seguinte:

«O nascimento do Menino Deus tem sido este anno muito festejado em casa de Dona *Revista*, que nos tem dado uma larga e abundantissima consoada de versos, até dinamarquezes, e alguns muito lindos. Os invejosos d'esta senhora Dona *Revista*, dizem que ella principiava o anno novo com cantigas de creanças. *Ai manas, cantemos*, etc., *A pombinha vai voando*, etc... Parece que o Castilho pouco se interessa já com a redacção d'este aliás interessante Jornal, empregando o seu vasto e brilhante talento em coisas uteis, e deixára a um seu parente o incommodo da redacção com remendos que fornecem rapazes de escola, que ainda agora souberam que houve um Heroe portu-

guez, que empenhára as suas barbas honradas para contratar um emprestimo. Este palavreado não é meu, mas sim de um egresso, que hoje esteve na minha botica, e que é um grande maçador, e concluiu o seu aranzel com estas palavras. Em consequencia d'isto, e de outras nicas da *Revista Universal Lisbonense*, os assignantes deixam voar a Pombinha, mas não querem ver voar o seu dinheiro sem utilidade; e por isso este jornal cedo terá a sorte do *Panorama*.»

*

Até aqui o snr. Braz Tisana. Agora duas palavras do redactor da *Revista*.

*

Agradece elle ao snr. Braz Tisana, antes de tudo, os excessivos elogios que lhe liberalisa, e o interesse que parece tomar no crédito e prosperidade do seu jornal. Para lhe provar a sua gratidão, toma a liberdade de lhe offerecer alguns conselhos, de que fará o uso que lhe parecer.

*

Primeiro conselho. — Não se fie o snr. Braz Tisana em tudo que lhe dizem, pois sabe que o tempo vai mais para mentiras que para verdades, para calumnias que para lisonjas; e, querendo se fiar, sirva-se d'isso para seu particular divertimento, e não o mande ao Publico sem bom exame. Um gracejo

pode valer muito; mas a reputação e interesse alheio em todo o caso valem mais.

O egresso zombou da credulidade do snr. Braz Tisana, porque nem os subscriptores da *Revista* lhe vão fugindo; nem o seu redactor é hoje menos desvelado; nem a entregou a pessoa alguma; nem ha n'ella, salvo algum erro typographico, uma só lettra que não seja posta por ordem sua.

Menos falsa é, e menos iniqua tambem, a contrária arguição, que os seus amigos todos os dias lhe reiteram, de consumir em trabalhos, uteis sim mas inglorios, como são podar e emendar artigos, sustentar correspondencia com os autores, correr os jornaes portuguezes á busca de noticias, os estrangeiros á cata de inventos ou melhoramentos, rever provas e contraprovas, consumir, repetimos, n'estas e n'outras miserias, o largo tempo que poderia gastar em fazer livros novos, ou, pelo menos, em retocar e imprimir os que já tem feitos.

Um dos nossos patricios de mais sciencia e engenho dizia a este proposito, não ha muitos dias, que: malbaratar assim as horas estudiosas do dia, e as horas inspiradas da noite, embora fosse para dar um periodico tal como a *Revista*, fazia chorar o coração de quem o observava; era como se um pintor historico se mettese a caiador de aguas furtadas.

O egresso do snr. Braz Tisana, porém, acha ainda pouco, e pretende que dê mais quem já dá tudo, quem sacrifica, forçado, até a gloria propria a um serviço publico, apenas remunerado por um escasso meio-pão.

*

Segundo conselho. — Queira o snr. Braz Tisana ver se pode fazer entrar na cabeça do seu egresso, que uma coisa que no mundo ha, chamada Poesia, sem ser trigo nem cevada, remedio para sesões, nem machina de vapor, é todavia, em todas as nações illustradas, havida por util, crédora de cultura, desvelos, e protecção; que a ella devem ramos principalissimos de suas corôas a Italia, a França, a Allemanha, a Inglaterra, e Portugal tambem; que, d'entre tantas coisas sólidas dos povos antigos, a unica talvez que lhes sobreviveu inteira, foi a que mais leve de todas parecia: foram os escritos dos seus poetas; e são ainda ao presente as obras d'esta especie as que mais depressa vão ganhar, ou dilatar, ao longe, para a terra que as produz, respeito e créditos de civilisada.

Em Portugal, onde tanto floresceu a Poesia, quasi que já não ha hoje d'ella senão um pouco de rescaldo debaixo das cinzas. A má prosa politica tem absorvido a maior parte dos talentos, que a Natureza predestinára para a ressucitarem.

N'estes termos, quando não sejam para agradecer, tambem não são de certo para apedrejar, os exforços de quem, redigindo um jornal acreditado e espalhadissimo, procura n'elle por todos os modos, principalmente pela emulação, concitar a mocidade para o culto da Arte por excellencia, porque é na Poesia que todas ellas estão cifradas, como n'um symbolo.

Se não fossem as diligencias, os rogos, os conselhos, as exhortações, as animações, e até a importunação do redactor da *Revista*, não existiria, além d'essa bella collecção de poesias ao Natal, já publicadas, e que só ao snr. egresso desagradaram, uma admiravel quantidade de outras, já remettidas a este escritorio, entre as quaes umas de riquissima valia, outras das mais aproveitaveis esperanças. Diga-lhe que este impulso, uma vez dado e recebido, sería vergonhoso vandalismo procurar paralysal-o. Matar com quatro linhas de inconsiderada prosa, não só futuros poemas, mas (o que mais é) futuros poetas, que o ousem os egressos leigos se isso lhes ajuda a fazer o chylo; mas não esperem nunca por auxiliar em tão damnada brutalidade o redactor da *Revista*.

O redactor da *Revista* adoptou n'esta parte, e invariavelmente, por timbre, o que por si dizia o legislador da Poesia romana: «Farei as vezes de pedra de amolar, que não corta, mas aguça os ferros para cortarem elles.»

Munus et officium nil scribens ipse docebo.

Finalmente: n'este periodico, empenhado em toda a especie de progressos, materiaes, moraes, e litterarios, nunca se dirá que se fechou a porta, nem aos poetas feitos, que vierem animar os novéis com o seu exemplo, nem ás poucas damas, que principiam a protestar praticamente contra o systema de ignorancia resignada, a que nossos avós em seus testamentos as deixaram sujeitas,

nem aos mancebos cujo instincto e consciencia os traz a tentar, ainda a medo, os primeiros passos n'esta carreira longa e difficil, que para alguns terminará em summa altura, mas que para todos se abre sempre em fundo valle.

Que, se não fosse a convicção intima, em que o redactor da *Revista* se acha, do grande beneficio, que á Litteratura patria ha-de resultar, com o tempo, d'este convivio poetico, para onde todos são chamados, ainda que só poucos possam ser os escolhidos, por nenhum outro interesse do mundo se houvera elle sujeitado ao trabalho, ás vezes fastidioso e repugnante, de andar mendigando versos, procurando engenhos nascentes, occultos, e medrosos da luz; oppugnando a perguiça de uns, a modestia de outros, etc. etc. etc.; porque, de certo, o tempo desbaratado para obter este primeiro ramalhete, que não chegou a ser metade do que tinha rasão para esperar, empregado por elle em fazer prosa, ou ainda versos, daria muito maior numero de paginas do que assim se apuraram. ¿E para quê? para crédito só alheio, e até para em paga lhe dizerem os leigos egressos, que transcura a redacção a que se obrigou.

*

Terceiro conselho. — Queira o snr. Braz Tisana dizer, por derradeiro, ao mesmo seu amigo, o qual Deus guarde de sua mão para muito longe d'onde houver imprensa com vislumbres de illustrada: que accusações vagas contra o crédito de um jornal (que em

ultima analyse é o crédito de um homem), não é licito fazel-as; que affirmar que, além da *Poesia*, ha outras *nicas* na *Revista*, que lhe hão-de fazer desertar os subscriptores, é ser detractor e não censor; não é cauterisar para saude, mas apunhalar á falsa fé. Que diga abertamente quaes são essas *nicas;* será o unico modo de nos habilitar para as evitarmos.

*

Longe estamos de presumir, que todas as linhas de cada numero da *Revista* sejam egualmente uteis ou interessantes; mas que nos apontem um só jornal, de qualquer parte do mundo que seja, a que não succeda outro tanto. E em Portugal, que nos mostrem um, passado ou presente, que lhe sobreleve na utilidade, na variedade, no interesse, na reunião de tendencias civilisadoras em todos os generos, e tão constantes.

A Agricultura, a Industria, a saude, as estradas e navegação, a segurança, as artes todas, o Theatro, a Litteratura, a Religião, os costumes publicos e domesticos, ¿qual d'estes objectos tem deixado de ser continua e indefessamente consultado? ¿Qual será d'entre elles, o que esse critico invisivel honra com o seu apodo de *nica?*

Não pretendemos que a *Revista* seja o melhor jornal possivel; sustentamos sim, que, ajudada como ha tanto tempo o é pelos principaes sabios e litteratos de Portugal, vigiada com amor (como nunca deixou de o ser) por quem, á falta de outros méritos, tem já o de uma experiencia de quatro annos, a

Revista Universal Lisbonense tarde se verá n'este Reino egualada, ¡quanto mais excedida! E quando não, esse Salomão, que ahi viaja incognito sob a figura de egresso, que faça o que nós confessamos não podermos: que faça outro melhor. Venha o seu programma; assignaremos logo. Venha o seu primeiro numero, e exceda ao mais insignificante de todos os nossos; e nós convidaremos os nossos subscritores, para que passem depressa do nosso deserto para o seu imprevisto oasis de abundancia e amenidade.

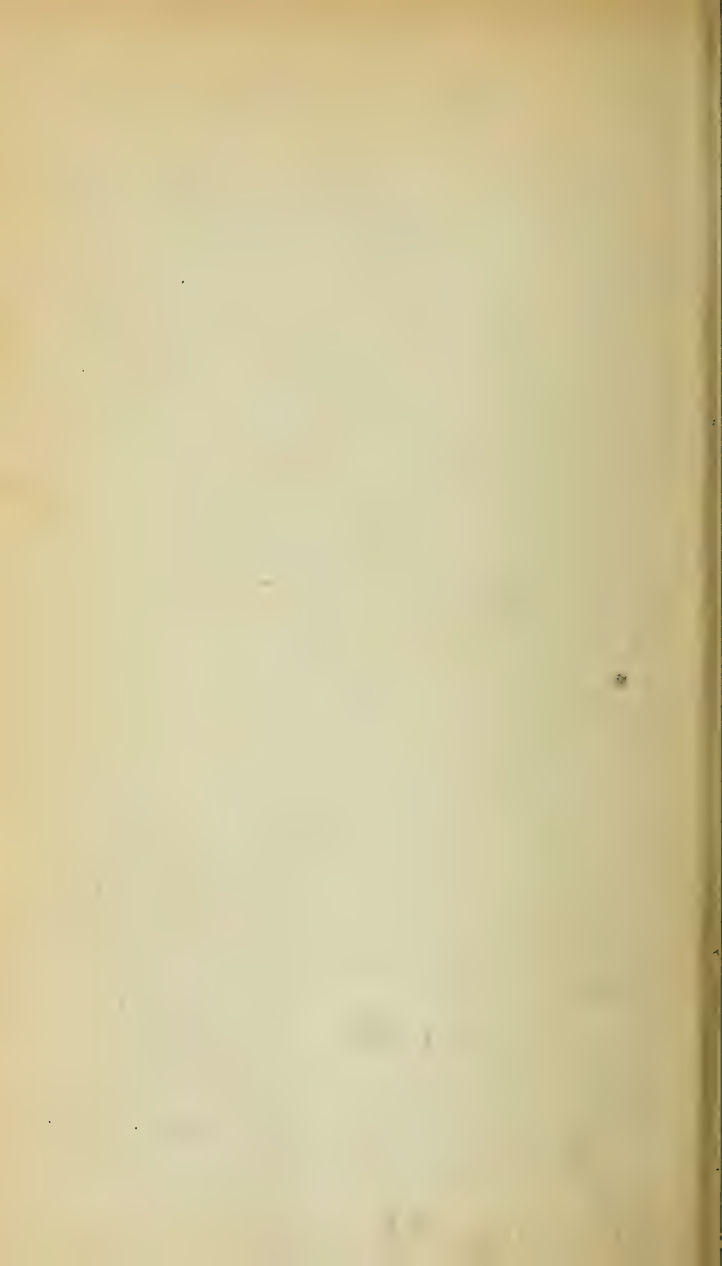
*

Remataremos toda esta larga e excusadissima escritura, protestando ao illustre e devidamente apreciado Redactor dos *Pobres do Porto*, que estamos longe de lhe imputar a elle, ou ao seu chistoso correspondente Braz Tisana, de cuja benevolencia muitas provas temos recebido (e n'esta propria carta as recebemos novas) as invejosas, villans, insensatas, desmerecidas, e ingratissimas impertinenciasinhas de anonymos, que nem pachorra temos, nem vontade, de indagar quem sejam. Temos muito que fazer na seára; não podemos andar á pedrada aos cães que se divertem a uivar por traz dos cômoros.

O que esperamos é que, tanto o correspondente como o jornalista, que teem sobeja experiencia e talento para avaliarem o préstimo, as difficuldades, e as indispensaveis amarguras de uma redacção como esta nossa, em tão descurioso e indolente Rei-

no como é por ora Portugal, redacção que, se uma vez podesse morrer por pragas de malévolos, difficultosamente seria substituida, rejeitem, com a devida indignação de homens de bem, tudo quanto d'este genero, d'esta força, e d'esta lealdade, se lhes communicar; bem como, que nos ajudem sempre com a sua propria critica sizuda e imparcial; porque o nosso constantemente provado empenho outro não é que o emendarmo-nos.

Se a Imprensa a si mesma se deshonrar, se os Redactores bem intencionados deixarem de se proteger mutuamente, ¿qual será o futuro, o bem propínquo futuro do Jornalismo, e das innumeraveis boas coisas, que d'elle estão pendentes?

(*Rev. Univ.*)

CLXVIII

LUZ PINTORA

(Janeiro de 1845)

—¿Sabe com certeza que é n'esta casa?

—Com toda a certeza; rua nova dos Martyres, n.º 34, 1.º andar, *Monsieur Thiesson.*

—¿Mas estas seges á porta?

—Mr. Thiesson, de Paris, não tem duvida nenhuma.

—¿Pintor?...

—Não.

—Pintor de retratos...

—Tambem não; Mr. Thiesson, *retratista.*

—Não percebo a differença.

—Em casa de Mr. Thiesson não se vê nem pincel, nem palheta, nem lapis, nem sequer uma penna n'um tinteiro ao pé de uma folha de papel.

—Até ahi não ha nada de extraordinario; mas parecia-me ter percebido que elle se occupava em tirar retratos, por signal a 4$800 reis; e era para isso... Em seis retratos meus, que tenho mandado fazer, por di-

versos artistas, para dar á minha noiva, uns em miniatura, outros em claro-escuro, outros a oleo, tenho sido até hoje tão feliz, que, se ella tivesse a indiscreção de os mostrar, daria a mais horrorosa ideia da sua constancia; julgal-a-hiam namorada de seis pessoas differentes, inclusivamente de meu avô, e de outro individuo que poderá vir a ser meu neto ainda antes de eu ser caduco. A Arte a meu respeito já tinha desanimado; proclamou-me inconquistavel; um verdadeiro Gibraltar da especie humana em relação a ella. Disseram-me então que Mr. Thiesson copiava tudo com a fidelidade de um espelho...

— Exactamente.

— Mas pareceu-me ouvir ao meu amigo que elle não tinha instrumentos...

— Nem os necessita; as mãos são quasi inteiramente superfluas a Mr. Thiesson.

— Visto isso, é por encantamento que elle trabalha; ¡é com a palavra que elle traslada as nossas feições!

— Tal qual. Apresenta-se-lhe a pessoa que deseja ver-se, não *retratada*, mas *duplicada*. O joven... artista (visto que é necessario chamarmos-lhe alguma coisa) olha apenas para ella, manda-a sentar, e, assim como Deus disse *faça-se a luz*, diz elle á luz *faça-se o retrato*. E o retrato é feito. Subâmos.

— Uma palavra primeiro: tudo que o meu amigo me acaba de dizer a respeito de Mr. Thiesson, e que poderia figurar muito decentemente n'um conto pérsico, para adormecer ao governador dos crentes Haarun Al-Raschid, pode vir a ter consequencias

pouco agradaveis. Eu bem sei que já estamos nas raias do carnaval; mas o meu amigo sabe tambem, que eu não sou dos que se deixam escarnecer impunemente. Assim, uma unica palavra em quanto é tempo: ¿mora aqui Mr. Thiesson, *retratista*, e capaz de me *retratar* (note isto bem), capaz de me *retratar*... a mim?

—Tão capaz, que ha-de ser V. S.ª um dos poucos que possam gabar-se de ter cumprido o preceito do sabio da Grecia: ha-de-se *conhecer a si mesmo.*

—Muito bem; subâmos.

*

Pouco depois, estavam os dois interlocutores n'uma vasta sala de esquina, com a frente rasgada toda em janellas que não formavam mais do que uma, e deitando para um bello jardim.

O principal ornamento d'esta sala bastou para estremecer até aos alicerces a incredulidade do homem dos seis retratos.

Via uma quantidade prodigiosa d'elles a vestir as paredes, com tantissimo primor acabados, tão perfeitos os que eram de pessoas suas conhecidas, que a sua triste presumpção de *inconquistavel* immediatamente arriou bandeira. O seu companheiro triumphava sorrindo.

—¿Quem será aquella bella figura—perguntou elle, como que a si mesmo—viva, sympathica, exprimindo a probidade e o talento?

—Bartholomeu dos Martyres. Impossivel não reconhecer no primeiro relance.

—¿E este nobre aspecto militar?
—O Ferreri.
—Este aqui não ha duvida; é o Agostinho Albano.
—Elle mesmo, e vivo; parece-me estal-o ouvindo n'um d'aquelles seus improvisos no Parlamento, admiraveis de sciencia e profundidade.

*

N'este momento entrou Mr. Thiesson, mancebo elegante, alto, physionomia agradavel, olhos brilhantes, maneiras de homem costumado á boa sociedade.

—Meus senhores, — disse elle no mais puro parisiense — o que estais vendo são apenas alguns retratos, de que os seus originaes não pareceram ficar satisfeitos, e que por isso foi necessario tirar segunda vez; os approvados partiram; estes são apenas os refugos; mas permitti-me que vos mostre algumas outras curiosidades do mesmo genero, um tanto mais notaveis pela sua pequenez.

Encaminhou-os para uma jardineira collocada no meio da sala, sobre a qual, dentro de uma caixa coberta de vidraça, se viam alguns retratinhos de cavalheiros e damas de tão microscopicas dimensões, que n'um alfinete de peito, por exemplo, se enxergavam duas meninas conversando.

O incrédulo não podia acreditar nos seus olhos; parecia até applicar o ouvido para as escutar, e sorria, como que percebendo as suas palavras, que manifestamente, com taes rostos e tal expressão, não podiam dei-

xar de ser segredos, segredos do coração, d'aquelles que não admittem terceiro.

Ainda porém não era tudo. Um microscopio, que Mr. Thiesson lhe metteu aos olhos n'este momento, um microscopio, o eterno escarnecedor das mais perfeitas obras da Arte, lhe patenteou uma perfeição tão minuciosa, e tão completa em todas as partes, e sobre tudo um relevo de formas, um palpavel elastico de carnes, um mórbido e fino de cabellos, um raiar de olhos tão vivo e falador, que se diria que alguma Fada, invejosa das duas formosuras, as encantára para ficarem para sempre immoveis, reduzidas áquelle carceresinho de oiro, de uma polegada.

—Muito bem, senhor; o que eu acabo de ver excede a tudo quanto havia lido e ouvido da vossa arte milagrosa. ¿Quereis vós ter a bondade de fazer o meu sétimo e ultimo retrato?

—Com o maior gosto. Desçâmos ao meu jardim, e a luz vos vai servir dentro em poucos segundos.

Por diante de uma cortina branca, estendida sobre uma das paredes do jardim, vê se uma cadeira ao lado de uma meza; a meza está coberta de um pano pintado de ra malhões; a cadeira tem no alto da espalda uma haste terminando n'um meio circulo, para encosto da parte posterior da cabeça, e podendo, por via de um registo, subir ou descer, para se egualar á altura da pessoa.

—Tende a bondade de vos sentar; não haveis de chegar a impacientar-vos. Muito bem: a vossa nuca inteiramente descançada

n'este circulo de metal; essa perna sobre a outra; o braço direito estribado na banca; d'este modo podereis conservar-vos immovel por um terço de minuto, mas immovel com a mais perfeita immobilidade. Sem isso, correrieis grande perigo de vos apparecerdes com quatro ou seis olhos, duas ou tres boccas, um rosto e meio, ou um nariz mais comprido do que todo o corpo. E' o que torna extremamente difficeis os retratos das creanças e dos passaros, e impossiveis os das dançarinas e dos doidos.

—Mas creio, senhor, que o ceo não estará hoje muito disposto a favorecer-vos; aquellas nuvens cobrindo e descobrindo o sol devem perturbar singularmente a vossa celeste collaboradora.

—Não temais nada; a luz é perfeitamente obsequiosa; as variações da atmosphera só fazem que ella gaste alguns segundos mais ou menos para nos servir; mas o effeito é seguro; é como o olhar da mulher que se ama: venha de perto ou de longe, exprima a tristeza ou a alegria, nem por isso deixa de vir estampar-se no coração. Em quanto ella vos observar para retratar-vos, observal-a-hei eu a ella, para adivinhar quando tem concluido a sua tarefa.

Agora silencio. Escolhei o objecto em que haveis de ter fitos os olhos, e deixae-a trabalhar.

Dizendo isto, puchou do relogio, mostrou a hora, minuto, e segundo, em que se estava; e chegando a um cofresinho collocado quatro ou cinco pés diante da cadeira, levantou uma corrediça que o fechava pela

frente, e pôz se a considerar alternativamente o movimento das nuvens, e o do ponteiro. Apenas este marcára o seu decimo quinto passo, fechando a subitas o cofre exclamou:

—Já vos tenho em meu poder.

E desappareceu com a enigmatica boceta.

*

Quinze minutos depois de operações mysteriosas em quarto escuro, fechado, e sem testemunhas, Mr. Thiesson voltou trazendo na mão o mais cabal e irreprehensivel de todos os retratos; um verdadeiro espelho com memoria.

O inconquistavel ao lapis e pinceis soltou um grito de espanto. Via-se entre as suas proprias mãos, inteiro, desde a cabeça até aos pés. Contou uma moeda de oiro pelo seu resgate, e correu para se ir entregar, duas vezes, simultaneamente, á dama dos seus pensamentos, que de tão boa-mente esqueceu os seis retratos por este, como dentro em pouco, segundo se espera, poderá esquecer este pelo original.

—Um zeloso—lhe disse o seu companheiro despedindo-se — um zeloso de lei nunca entregaria um semelhante retrato á mulher que adorasse. E' demasiadamente vivo, demasiadamente homem; substitue-vos, e não é vós mesmo; é Jupiter sob a forma de Amphitrião diante de Alcmena. A *realidade* aqui não é menos maravilhosa que a *fabula*. O proprio Arago, o grande confidente dos segredos da Creação, ficou atonito diante de

Mr. Thiesson, sem poder conceber a sua obra; e a Academia das Sciencias de Paris, depois de o coroar dos mais altos elogios, não podendo resolvel-o a revelar o seu segredo, pediu-lhe em nome da Sciencia (e obteve) que elle lh'o deixasse em carta lacrada para se abrir depois da sua morte. E' uma herança preciosa para as Artes, mas em cuja posse ellas folgariam de não entrar pelo decurso de um seculo.

(Rev. Univ.)

CLXIX

CABULOGIA

(Janeiro de 1845)

Recebemos a 1.ª folha de uma obra começada a imprimir em Coimbra, com o titulo de *Cabulogia, ou moral em acção.*

Não conhecemos o poeta autor d'este brinquedo metrico; mas não é necessario ser adivinhão para dizer que é um estudante não caloiro em poesia, e que não foi hoje nem hontem que se estreou o seu salgado tinteiro.

As peças contidas n'esta folha são tres sonetos, academicamente parodiados, um de Camões, outro de Bernardes, outro de Bocage, *As tristes*, *A sabbatina*, e *A cabula*, canção parodia do canto V do poema *Camões* do snr. Garrett (as paródias são tambem homenagens aos grandes talentos).

Não nos desagradecerão talvez os leitores o cedermos á tentação de reproduzirmos para elles a ultima peça.

Eil-a aqui:

A CÁBULA

(CANÇÃO)

Correi sobre esta meza carunchosa,
lagrimas tristes minhas, borrifae-a,
que o pezo do *Digesto* a tem quebrado.
Cábula minha pachorrenta e gorda,
¿quem entre as folhas te expremeu dos livros?

O viço de meus olhos se ha murchado
nas fadigas, no ardor sévo do estudo;
extranhos nomes, ignoradas trêtas,
bárbara asneira vi, cahi com somno,
penei apoquentado entre maçadas,
vaguei sósinho, em cólicas fervendo,
por essas aulas onde mora o susto.
Tudo soffri na esp'rança de um feriado.
Mas no instante de havel-o, toca o sino.
Cábula minha pachorrenta e gorda,
¿quem entre as folhas te expremeu dos livros?

Longe, á tarde, por margens do Mondego,
na soidão melancolica do Almégre,
ouvi berrando a negregada cabra,[1]
e de ouvil-a tremeu minha perguiça.
Alta a noite, escutei o bater funebre
dos tamancos ferrados das serventes
n'esta terra infernal, e ás badaladas
do relogio ajuntei meus ais mais tristes.
Cábula minha pachorrenta e gorda,
¿quem entre as folhas te expremeu dos livros

Os ventos nas janellas assopravam;
duras rajadas de aquilão medonho
mancheias de cascalho semeavam
pelo rôto sobrado; feia a noite
nos acenou co'as negras vésp'ras d'aula
malditas do socego; e eu só a via,
eu só na cerração das tempestades
via brilhar a luz do gazio amigo,
unico norte meu. Por sobre a meza
os duros membros negros estendia
esse *Digesto*, cujo aspecto horrendo

1 O sino da Universidade.

tantas vezes eu vi; e ás leis sèdiças
corri o véo das interpostas folhas.
Quiz-me punir do ousado atrevimento,
com que as asneiras lhe vulguei nas aulas;
as iras lhe arrostei, ouvi sem medo
as macilentas folhas abanando
por entre os turbilhões de atra poeira;
vi barbas do Ulpiano de despeito
eriçarem-se, e a côr terrena e pallida,
á luz do candieiro apparecendo,
por sédiços murrões quasi apagada.
Não me aterrou; que de almejadas férias
me allumiava o farol de entrudo amigo;
tempo consolador, mimo da cábula,
¡como em breve me deixas na Quaresma!
engano lisonjeiro do estudante,
¡que verdade cruel te ha dissipado!
¿Quem foi ceifar-te no melhor da festa,
cábula minha pachorrenta e gorda?

Os eccos do penedo da Saudade,
as *piteiras* que nascem no caminho,
já me sabem da balda; e o rouco accento
de meu triste carpir macaqueando,
no sussurro das folhas ponteagudas
os arbustos de Midas murmuravam.
Seus vazios canudos bem talhados
por minhas mãos desentoados guinchos
ao festejar teu nome derramavam
O turbulento arbusto parecia
com minha gran'perguiça encanzinar-se.
Cábula minha pachorrenta e gorda,
¿quem entre as folhas te expremeu dos livros?

¡Oh *palacios confusos* tão queridos,
onde tão doces horas de cavaco
e de troça passei, quarto benigno
que me escutaste o fôl'go ressonando,
que ouviste meus bocejos compassados!
¡Oh cantinho da porta d'essas aulas,
onde me ia esconder das sabbatinas,
onde as cólicas negras me inspiraram
mil finas comedellas, mil patranhas,
que hão-de aos bedéis servir de exemplo e chasco,
tu guardarás meus planos entre aranhas,

e uns segredos que eu sei, que me escutaste;
e tu dirás aos porvindoiros cursos,
se trocista não fui, se amei a cábula,
se por ella, e de amor por certa moça
meu coração bateu, carpíu minh'alma,
ou modulou meu verso estas paródias!
Moça, moça, rival tu foste *d'ella*;
tu me ficaste só; não desampares
quem por ella e por ti quebrava esquinas,
quem por ti só agora n'esta terra
soffre as maçadas de uma vida afflicta.
Cábula minha pachorrenta e gorda,
¿quem entre as folhas te expremeu dos livros?

¿Espantaram-te os Lentes? sem conforto
fiquei só n'este val' de impios estudos.
Alma deidade á sombra de teu manto
estendida a dormir se esperguiçava
toda esta humanidade; amarelleço
arripiado por me erguer tão cedo
co'o frio da manhan. ¿Quem te ha levado?
¿quem, rainha dos bichos escolasticos,
te desthronou sem dó? ¿que faz? ¿que espera,
que não leva tambem d'aqui p'ra fora
o pobre que sem ti breve entisíca?
Cábula minha pachorrenta e gorda,
¡oh¡ põe-me a trinta léguas de Coimbra.

(Rev. Univ.)

CLXX

SOCIEDADE ESCOLASTICO PHILOMATICA

(Fevereiro de 1845)

A duração que já tem, de annos, a Sociedade Escolastico Philomatica sobre modo a honra, quando se adverte em que, desde a origem quasi não constou senão de mancebos na primeira mocidade, applicados e estudiosos sim, de excellente educação, e todos amigos, tambem sim, porém mancebos nos quaes, por isso mesmo, não pouco eram para temer as inconstancias, os melindres do amor proprio, e as fervuras subitas do sangue.

De anno para anno, ao revéz de outras sociedades de que tantas para ahi nascem e morrem, tem esta crescido, graças ás incançaveis diligencias do seu quasi perpetuo Presidente, o snr. Ribeiro de Sá, e medrado pela addição de novos membros, pelo desenvolvimento dos antigos, pela importancia de alguns dos pontos que teem discutido, e pela abundancia e eloquencia com que muitas vezes o teem feito. O Publico, tambem, tem-lhes feito justiça: os seus ouvintes costumam ser numerosos, e a

Imprensa periodica em geral mais de uma vez lhes tem dado applausos e animações.

Uma discreta mudança recem introduzida nos Estatutos lhe dá hoje novos abonos de persistencia e florescimento. Uma sessão de cada mez é destinada á leitura ou recitação de obras escritas, tanto em verso como em prosa; pelo que, sem deixar de ser uma arena de tirocinio parlamentar e oratorio, que foi a primeira ideia da sua fundação, ganhou, transformando-se em Academia, o que quer que seja de mais litterario, de mais fixo, de menos fortuito e volatil.

Sexta feira ultima foi a sua primeira sessão d'esta especie; e podemos dizer que se estreou com as melhores fadas; *fadas,* dizemos de proposito, que bem amorosamente bafejados por ellas nos pareceram não só os trechos lyricos, se não tambem os de prosa que ahi ouvimos: os primeiros, recitados pelos snrs. Palmeirim, Ribeiro de Sá mais moço, e Aboim; os segundos, pelos snrs. Sebastião Ribeiro de Sá, e Rebello da Silva. Aquelle leu a vida, mui poeticamente escrita, da Infanta Beatriz, filha d'el-Rei D. Manuel, obra de um notavel merito, principalmente na primeira metade; e o segundo um panegyrico da cidade de Coimbra, prologo a um romance, que entre mãos traz, intitulado *A torre de Hercules,* prologo, cuja prosa alta, vibrada, colorida, e ardente, poderia sem medo arrostar-se com muito boas poesias.

Conserve e dilate Deus tão esperançosa reunião; tal é o nosso voto; foi este não menos, o de todos os assistentes.

(*Rev. Univ.*)

CLXXI

A NOITE DE SANTO ANTONIO

(Fevereiro de 1845)

Poucos talentos verdadeiros temos visto, dotados de tão ingenua candura, e tão proveitosa modestia, como o do snr. Joaquim da Costa Cascaes. Depois de duas tentativas dramaticas feitas por elle, não sem bom succedimento, no theatro dos Condes, e quando muitos dos seus amigos o exforçavam para ir avante na mesma carreira, desconfiado de que não era aquella a sua decisiva vocação, desce (segundo a technologia artistica), mas, quanto a nós ,sobe, do drama á comedia. Por cada Molière, apparecem dez tragicos em toda a parte.

A noite de Santo Antonio na praça da Figueira, que foi o seu primeiro provar de mão n'este genero, e que elle teve a complacencia de nos ler, pareceu-nos uma das mais bonitas comedias-farças que em portuguez se teem escrito. Simples e comprehensivel no enredo, natural e facil no dialo-

go, cheia de verdade, e de verdades adubadas sempre com o sal proprio e abundante, rindo das ridicularias contemporaneas, sem ferir nem levemente nas pessoas, *A noite de Santo Antonio*, se os actores do theatro normal a souberem representar (o que todavia não afiançamos) deve ser peça para muitas enchentes, para muito tempo, e para sempre.

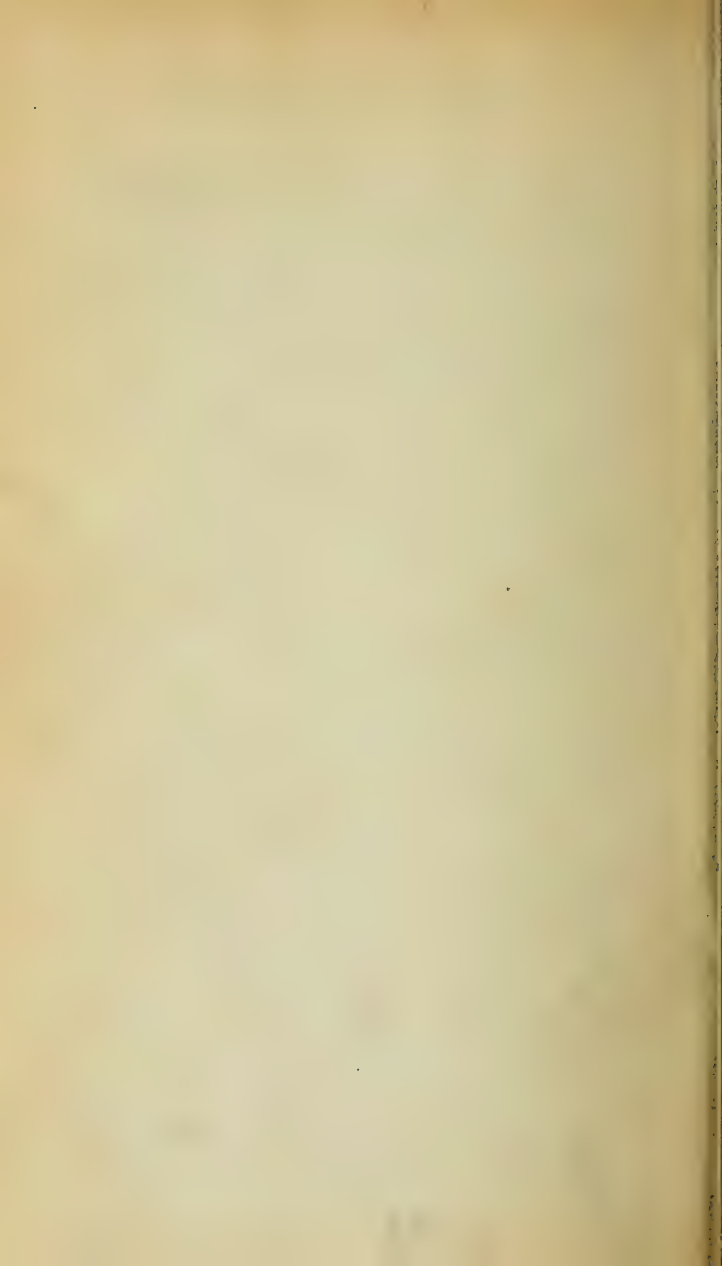
O 2.º acto principalmente, executado como é indispensavel que o seja, tem de agradar extraordinariamente pela novidade; porque ahi a acção corre na propria praça da Figueira, n'aquella festivissima noite do anno, com as barracas illuminadas e sécias de palmitos e corôas, os candieiros das esquinas accezos, o terreiro cheio de ranchos tocando, cantando, e dançando, fogo de vistas nas janellas, etc., etc., etc.

Mas resistâmos á tentação de contar; não estraguemos, por um indiscreto gostinho de fazer annuncio, uma parte dos prazeres que os espectadores hão de dever ao nosso poeta.

A noite de Santo Antonio é a segunda tentativa de comedia nacional, desde a regeneração do nosso theatro. A primeira foi *O Camões do Rocio;* mas do *Camões do Rocio* a esta, por qualquer lado que as tomem e as comparem, vai uma grande subida, ha um verdadeiro progresso; e é facil augurar outros e muitos maiores ainda, se se repara em que o autor não conta trinta annos, e que reune ao grande talento um estudo assiduo e a melhor vontade.

Outra comedia sabemos que já elle traz

na forja, tão nossa tambem, e tão para nós, que o seu titulo é nada menos que *A Memoria do Terreiro do Paço*, e o seu verdadeiro objecto, que resplandece atravéz do enredo, as festas da inauguração da Estatua equestre, os costumes e as personagens d'aquelle tempo, a que nenhum de nós assistiu, mas de que todos temos uma especie de saudosa reminiscencia.

(*Rev. Univ.*)

CLXXII

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

Tres joias novas theatras de um só autor

(Março de 1845)

Os trabalhos dramaticos do snr. Mendes Leal succedem-se com uma rapidez, com uma variedade, para entre nós sem exemplo.

Nos curtos intervallos que medeiam entre os seus dramas originaes, quando se poderia crer que o autor descançava de uma fadiga para entrar n'outra, os seus ocios são ainda litterarios, são ainda productivos: traduz e imita; mas traduz creando; mas imita excedendo; e n'um e n'outro mistér, tão desacreditados ambos, e com rasão, sabe sempre, se não adquirir novos direitos á admiração publica, pelo menos conservar os adquiridos.

A 10 do corrente se deu no theatro dos Condes a 1.ª representação do seu *D. Antonio de Portugal*, perfeita transformação portugueza do *D. Cesar de Basan.* Dentro

em poucos dias se dará na mesma casa a sua *Pobre das ruinas*, e, talvez ainda antes d'ella o seu *Caçador do Minho*.

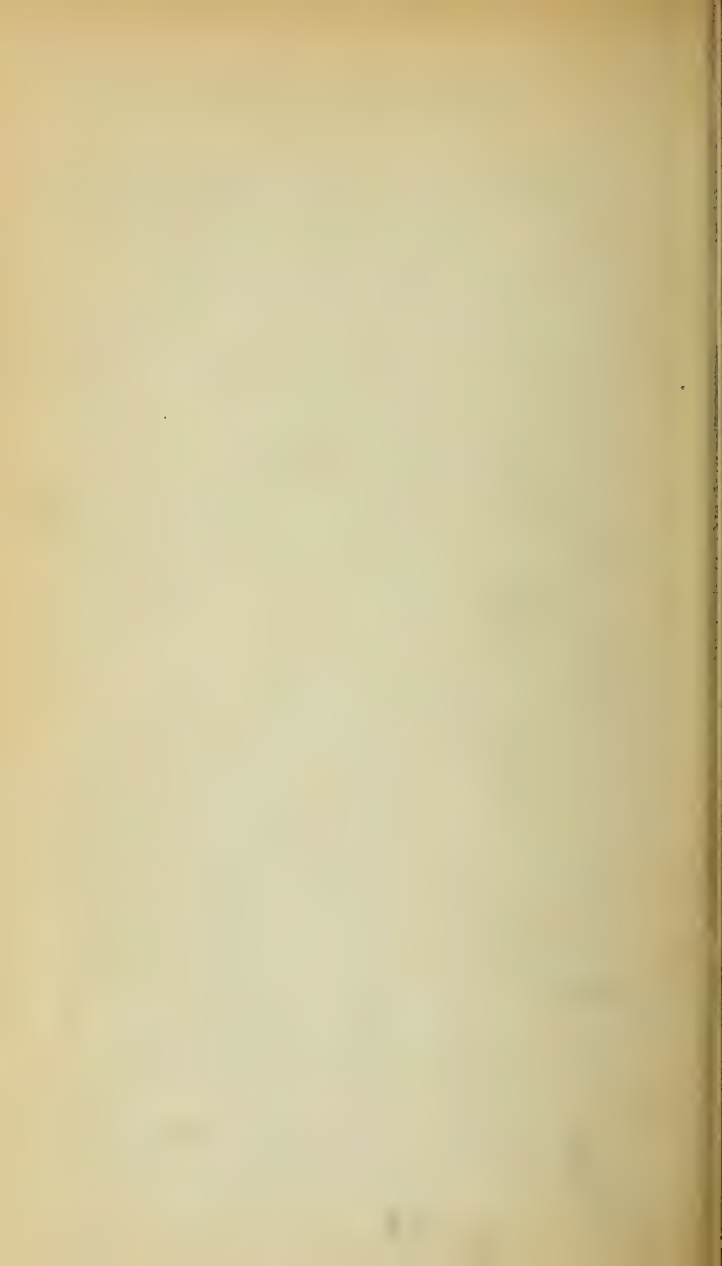
O *D. Antonio* é comedia-drama; a *Pobre*, drama circa-historico e tragico; o *Caçador*, comedia-opera. O primeiro, não obstante ser fabula já conhecida n'outro theatro da Capital sob o titulo de *O Rei e o aventureiro*, sahiu coberto de applausos; foi palmeado de acto a acto, e por meio das scenas; os actores, repetidas vezes chamados; e, para que mais completo fosse o triumpho, houve tres ou quatro pares de botas, que, pretendendo-o contrastar, o realçaram.

A Pobre é um quadro, em que ressaem alguns toques da decadencia e dissolução da edade média, concertados artificiosamente com outros de mera phantasia. Nos primeiros estão energicamente desenhados D. Fernando, o octogenario da India e da Africa, e Malatesta, o aventureiro a soldo do Papa ou do anti-Christo, conforme lhe pagarem. Nos segundos a Pobre, o Corsario, Ismael, etc. A phantasia sobreleva á Historia. O amor, os affectos paternaes e filiaes, fontes eternas, porque são as naturaes de todos os effeitos dramaticos, são a base e motivo de todo o drama. O poeta ahi bosquejou tambem, a traços rapidos, as nossas lutas da indepencia em 1640. Com a catastrophe particular do drama enlaçou a catastrophe do poder castelhano. Mais podiamos dizer das intenções; mas não é aqui o logar de fazer um prologo.

O Caçador do Minho não é só um pretexto para se cantar; é uma bonita comedia,

que poderia agradar até sem musica. O compositor, segundo nos informam os peritos, acertou excellentemente as suas inspirações com as do poeta; e o poeta, fez quanto a nós o mais a que se pode chegar n'aquelle genero de lyrica. A sua versificação é primorosa; as suas rimas difficeis e ricas; e não ha copla, que a estes merecimentos de forma não ajunte o do pensamento, ou sentimento, adequado á situação, a graça e a malicia, que distinguem o *vaudeville*, e que em poemas taes nos parecem indispensaveis.

A Pobre, se é licito ler horóscopos a peças de Theatro, ha-de ficar no repertorio; *O Caçador* ha-de abrir uma nova escola, de que muito se carecia.

(*Rev. Univ.*)

CLXXIII

CLAUDIO LAGRANGE MONTEIRO DE BARBUDA

NECROLOGIO

(Março de 1845)

«Cada pagina d'estas — diziamos nós a 11 de Julho do anno passado, encetando a publicação da *Viagem de duas mil leguas* pelo snr. Lagrange — cada pagina d'estas, que da sua mão iremos passando para as dos nossos leitores, é escripta com pulso desfallecido, a quem só a boa-vontade suppre forças, e interrompida por dores e quebrantamentos de periodo a periodo, e quasi de linha a linha.»

E assim era.

Uma enfermidade incuravel, urgente, e que todos, a fóra elle, conheciamos, o trabalhava já então. Estremeciamos recebendo-lhe cada folha, como parcella do testamento do seu espirito, unico testamento que fez, unico tambem que tinha que fazer. Cahindo e levantando-se, defallecendo e ressurgindo, ainda ao fim da *Viagem* o vimos chegar; mas para a *torna-viagem* que nos tinha pro-

mettido, já a morte lhe não deu licença. Assim, que deplorando a falta de um amigo, temos egualmente para sentir o aborto de uma obra, que já se não acabará, pois que da maior e melhor parte d'ella só ficaram apontamentos diminutos e enredados; e as reminiscencias com que se haviam de desenvolver, dissiparam-se.

E não pára n'isto a perda litteraria. Toda a Viagem de ida e volta do snr. Lagrange era apenas introducção para uma obra que já trazia riscada (¡tanto era o seu contar com a vida!) sobre a India portugueza, em dois volumes, dos quaes nós vimos a traça com a divisão das materias: — 1.º volume — Origens, historia, e estado ao presente das nossas possessões na Asia. — 2.º — Como se lhes poderia ainda acudir, segural-as, felicital-as, e tirar d'ellas para a Patria o maior proveito.

De quem tanto concebêra, e tão bem mostrou que de suas promessas se podia desempenhar, não será muito que nós, acostumados a enfeixar, e até a rebuscar as glorias da nossa terra, façâmos hoje publica memoria, a qual tambem não será mais que apontamentos e reminiscencias da sua peregrinação (¡trabalhosa peregrinação!) n'este mundo de incertezas.

Nasceu o snr. Claudio Lagrange Monteiro de Barbuda na villa de Setubal aos 25 de Novembro de 1803, sendo seu pae o snr. Clemente José Monteiro de Barbuda, emprega-

do publico, sujeito de mean fortuna, sangue honrado, e boa fama.

Orphão na edade de oito annos, passou para as mãos de um tio, que o destinou para a Egreja. Começou os necessarios estudos preparatorios, dando n'elles mostras de talento não vulgar. Sentiu porém, no crescer dos annos, que não era aquella a sua vocação.

Quando em 1821 foi chamada ás armas a mocidade portugueza, assentou praça no regimento de Infantaria n.º 7, sem renunciar o trato das Lettras, já então suas delicias, e ás quaes nunca deixou de consagrar todos os seus ocios. Matriculou-se depois na Academia de Marinha, em que foi premiado no 1.º anno, e continuou com o curso de Fortificação, Artilharia, e Dezenho.

Os acontecimentos de 1823 interromperam de novo os seus estudos, por ter de partir para a Ilha da Madeira com o seu regimento, tornando-se notavel o seu comportamento na crise politica d'aquelle anno, por ser o snr. Lagrange o unico individuo do seu regimento, que não fez a jornada de Villa-Franca. Tinha jurado manter as instituições liberaes, e repugnava ás suas ideias um passo, que outros só deram forçados pela lei da disciplina.

Nos annos de 1826 e 1827, outra vez militou activa e exemplarmente.

Em 1828 teve baixa, com absoluta pronibição de voltar ao quartel do corpo. Foi então que deram principio as suas tribulações. Obrigado a grangear o seu pão com o trabalho assiduo de explicador de Mathe-

maticas, não poude emigrar, como quizera. Os livros, e certa grandeza de animo que o caracterizava, concorreram para lhe apurar o gosto das Lettras, e fazer-lhe supportar com verdadeira philosophia as contrariedades de que já então era victima.

No dia 24 de Julho de 1833, ressurgiu, e apresentou-se ás autoridades militares, de quem foi bem acolhido, empregando-se no deposito, que em S. Bento se estabeleceu, sob o commando do snr. Brigadeiro Carreti. Poucos dias depois, foi despachado Official para o corpo de Engenheiros, cujas habilitações obtivera, e effectivamente empregado como tal na construcção das linhas, das quaes depois fez a descripção debaixo do titulo de *Memoria historico descriptiva das linhas que cobriram Lisboa em 1833*, que veio a ser impressa em Goa, e pela qual mereceu os louvores do Coronel de Engenheiros o snr. José Feliciano da Silva e Costa.

No dia 10 de Outubro, pelo levantamento do cerco d'esta Capital, foi o snr. Lagrange, á testa de um destacamento de sapadores, encarregado de facilitar a passagem de uma columna do Exercito constitucional, pelos meios ao alcance da Arma em que servia; e foi por esta acção, e pela maneira distincta, e valor militar com que então se houve, que mereceu ser condecorado com a insignia do *valor, lealdade, e merito*, sendo muito honroso o diploma em que se lhe conferiu.

Marchou com o mesmo Exercito, e continuou a servir no cerco de Santarem, onde desempenhou varias commissões de que foi incumbido, sempre com a mesma distincção

e valor, e nomeadamente na sortida contra Pernes e batalha de Almostér, até que em Evora-Monte tudo foi consumado.

Em 1836 e 1837, como militar obediente e conhecedor de seus deveres, obedeceu ás ordens dos seus superiores, e serviu com honra uma causa, com que as suas convicções por ventura não concordavam; sendo neste ultimo anno promovido ao posto de 1.º Tenente pela sua antiguidade.

Em 1838, depois de jurada a nova Constituição, quando a machina politica principiava a rodar nos seus eixos regulares, collaborou sob a firma X no jornal *O Independente,* que defendia as instituições e o amor á ordem publica. Foi levado á urna, como candidato do Governo, no circulo da Capital; mas a sua candidatura não vingou.

Desejando o Governo aproveital o, despachou o em Fevereiro do anno seguinte Secretario Geral do Governo da India, do qual foi na mesma occasião encarregado o Barão do Candal; e por este motivo foi promovido ao posto de Capitão, e nomeado Cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa.

Em Agosto do mesmo anno partiram para o seu destino, o Barão do Candal e o seu estado maior, e em 9 de Novembro seguinte aportaram em Goa, onde para o snr. Lagrange se abriu uma nova carreira, em que devia desenvolver o seu talento e actividade, e onde a sua prudencia e amor á ordem tinham de ser expostos ás mais amargas experiencias. Por duas vezes teve occasião solemne de provar que de feito

possuia todas aquellas qualidades e virtudes; e por duas vezes a Patria deveu em grande parte ao snr. Lagrange a manutenção da paz e o enfreamento da anarchia.

Teve a maxima parte nas providencias administrativas do governo do Barão do Candal, e do Conselho, que, pela morte d'este, tomou a direcção dos negocios publicos; e por estes serviços foi louvado especialmente em nome de Sua Majestade por Portaria de 2 de Outubro de 1840, e agraciado pela mesma Augusta Senhora com a Commenda da Ordem de Christo.

Comtudo, mal interpretadas posteriormente as suas intenções, e menoscabados os seus exforços, o snr. Lagrange foi accusado de ter concorrido para o levante do batalhão provisorio, apesar de se achar já então impossibilitado de sahir de casa, por molestia que o tinha obrigado a pedir a sua exoneração ao Governo de Sua Majestade.

A impressão moral, que semelhante accusação produziu no animo do snr. Lagrange, engraveceu desde logo o mal; não querendo porém voltar á Patria carregado com uma accusação tal, escreveu com documentos a sua defensa, e requereu um conselho de investigação para se averiguar o seu comportamento. Concluido aquelle conselho, e tendo chegado á India o General Conde das Antas, foi o snr. Lagrange levado perante o Conselho de guerra, onde plenamente se justificou provando documentalmente aquillo de que seus amigos nunca duvidaram; isto é: que elle não era revolucionario, e que jamais seria capaz de uma deslealdade, ou

de abusar da sua posição para promover a desobediencia ás autoridades.

Restaurado no credito, mas despojado do emprego, continuou a servir varias commissões, de que o referido General o encarregou, e no desempenho das quaes adquiriu mais de uma honorifica amisade; e com o General voltou o snr. Lagrange a Lisboa aonde chegou em Julho do anno de 1843, carregado de serviços, mas esquecido e malquistado; e apenas lembrado e procurado por aquelles de seus amigos, que mais de perto o conheciam, e que n'elle presavam a probidade, a independencia, os talentos, e a virtude.

Nos intervallos que os negocios da India lhe deixaram livres, dera á luz umas *Noções elementares de Estatistica,* que se acham impressas no jornal *O Encyclopedico*, de Goa, que redigiu por algum tempo, e deu ao prelo as *Instrucções* do Marquez de Pombal para o Governador e Arcebispo de Goa, escritas no anno de 1774, annotando-as com esclarecimentos de Historia e Estatistica, de que tinha amplo conhecimento, e que tornam aquelle impresso mui digno de ler-se.

Remetteu tambem á Sociedade Maritima e Colonial, de que era membro, um curiosissimo mappa estatistico d'aquella Provincia, fruto de seus assiduos trabalhos, que nos consta em breve verá a luz da publicidade.

Pertenceu á Sociedade dos Amigos das Lettras, e foi nomeado Vogal do Jury de premios e exames do Conservatorio Real da Arte Dramatica, por Decreto do 1.º de Setembro de 1838.

Desde a sua tornada ao Reino, entrou de mez para mez, e de semana para semana, a sua pobre saude a desconcertar-se cada vez mais. A medicina conheceu logo que não havia ali que fazer. Era o mal um aneurisma no peito; tratou de o palliar, conservando-se o enfermo até ao fim n'um total engano d'alma, planejando e saboreando, á falta do presente, uns futuros muito largos e muito formosos. Aos incommodos da doença accresceram nos ultimos tempos os da pobreza; tão extrema, que até as joias de sua esposa, até alfaias de uso domestico, se chegáram a vender.

A 20 d'este mez, pela madrugada, expirou; e no dia seguinte, pela 9 horas da manhan, foi conduzido, com um luzido cortejo de amigos seus, mas sem nenhuma outra especie de fausto, e dentro n'uma pobre sege, para a sua ultima jazida no Alto de S. João.

Alguns dos seus intimos tencionam, á custa de uma subscripção, levantar-lhe um modesto monumento; satisfação triste, que sua viuva a ninguem cederia, se hoje tivesse para lhe dar alguma coisa além de lagrimas.

(*Rev. Univ.*)

CLXXIV

TUTELAR DOS POBRES

(Março de 1845)

Recebemos um exemplar do livro, recem-distribuido gratuitamente, com o titulo de *Microcosmo, ou mundo pequeno, que aos illustres bemfeitores do Asylo de mendicidade, erecto no extincto convento de Santo Antonio dos Capuchos, n'esta cidade, offerece Jacintho José Dias de Carvalho.* — 1 tomo em 4.°, com 361 paginas.

Posto que o Appendice que fecha este livro seja todo empregado em louvores excessivos da *Revista* e do seu redactor, nem por isso fará a nossa justa humildade com que deixemos de o annunciar com especial recommendação; que antes ser taxado de vaidade por quem nos não conheça, do que de ingrata injustiça arguidos por quem conhece o snr. Dias de Carvalho, que são todos.

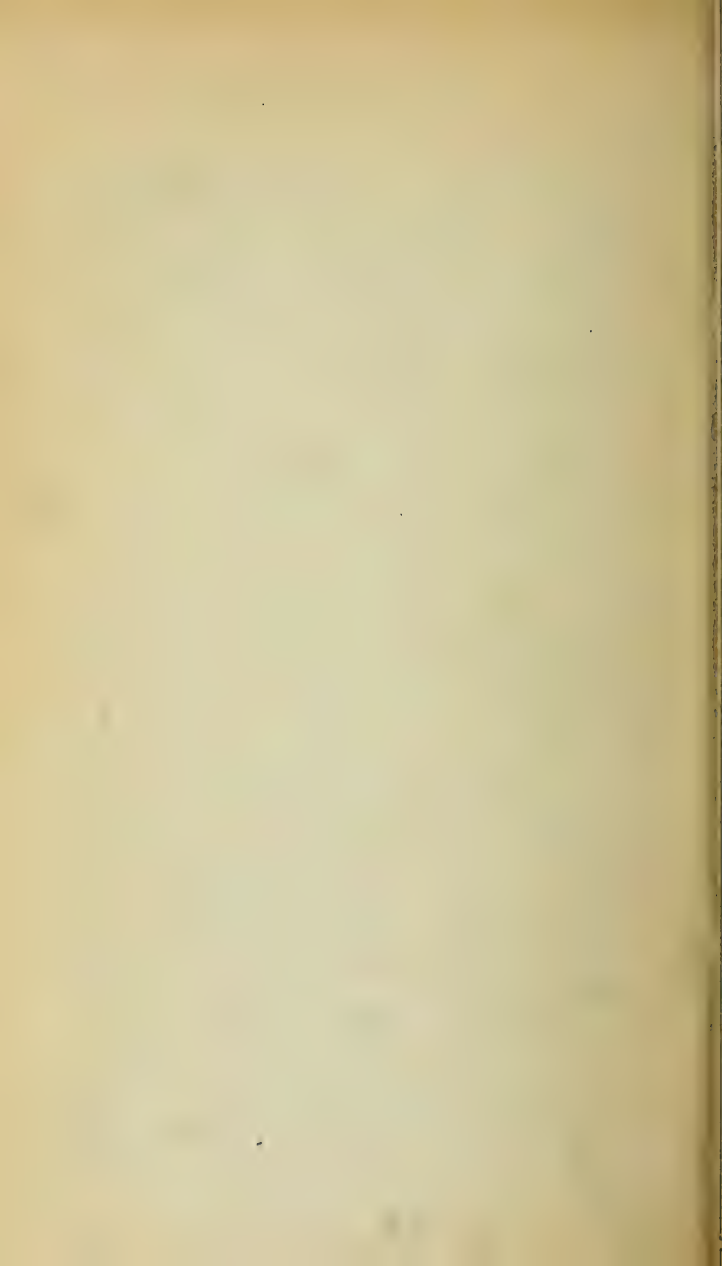
N'um estylo chão e ameno, estylo a que de boa-mente chamariamos *conversado*, e que, sendo o mais facil para quem de seu

o tem, é talvez o mais difficultoso, se não o mais impossivel, de imitar, n'um tal estylo, em que tudo entra, e só não cabem as mentiras, escreveu o autor, Portuguez no coração e Portuguez no falar, a historia do Asylo da Mendicidade no ex-convento de Santo Antonio dos Capuchos em Lisboa, desde Janeiro de 1840 até 13 de Julho de 1844.

Alli se vê o zelo, christão fervor, e infatigavel paciencia, com que para tantos mendigos se podêrem estar á meza, e no leito, e no templo, e em jardins, louvando a Deus, o seu voluntario procurador andou por espaço de annos, de dia e de noite, mendigando de porta em porta, pelos Paços, pelas casas means, pelas menos abastadas, pelas dos Portuguezes, pelas dos Estrangeiros. Acção realmente heroica em pessoa tão mimosa da fortuna, e por isso mais feita a dar do que a pedir. Por isso tambem o seu pedir tinha um caracter novo e persuasivo, que nunca o deixava sem effeito: era leve e gracioso, e, excitando o sorriso ao mesmo tempo que a piedade, predispunha dobradamente os animos a imitarem na beneficencia aquelle mesmo que os implorava.

Para miseravel desventura do Asylo, vieram pequeninas questões de amor-proprio (que sempre são grandes) quebrar a harmonia que devêra sempre reinar entre a Commissão administrativa e o incomparavel solicitador das esmolas para o Asylo; e o snr. Dias de Carvalho ficou reduzido a não promover mais em seu favor a caridade publica, vindo assim aos rendimentos da casa grande quebra, segundo ouvimos.

Aproveitamos a occasião de recommendar a leitura d'este livro, para supplicarmos a todos quantos, por qualquer modo, possam influir n'este homem extraordinariamente caritativo, hoje de certo infeliz pela sua forçada inercia a respeito dos seus pobres, para que o persuadam, o incitem, o forcem, a restituir-lhes quanto antes a sua divindade tutelar.

(*Rev. Univ.*)

CLXXV

ALMEIDA GARRETT

O ARCO DE SANT'ANNA

(Abril de 1845)

A novella historica intitulada *O Arco de Sant'Anna, chronica portuense*, tem sido, e é ainda, objecto de acceza batalha. Criticas e defensas, tudo está feito, e por ventura com exageração, com paixão.

Na questão que a proposito do prologo do livro se levantou, não ousamos nós a entrar; é materia cheia de melindres por uma e outra parte. Sabemos o como n'ella se deve raciocinar, uma vez assentados os factos de que se hão de derivar as consequencias; mas d'esses factos, que uns julgam ver existir de um modo, outros de outro modo diametralmente opposto, d'esses factos, em que é temerario e iniquo o phantasiar, falta-nos ainda (só falamos de nós) o necessario conhecimento; aguardamos que o tempo nol-o traga.

Outra questão é a das allusões politicas,

de que dizem que o livro está coalhado, allusões detestaveis, allusões deliciosas, segundo na côr conformam ou discrepam com a libré de quem as lê. Nós, que não temos libré nenhuma, nem já somos, louvado Deus, militantes da politica, e só pela paz e pelos interesses materiaes e moraes batalhamos, deixaremos falar ahi tambem os disputadores encarniçados. Dizemos unicamente, que para o nosso particular gosto, ministerialismo e opposição nos parecem damnar egualmente o effeito a escriptos d'este genero, d'esta elevação, e d'esta valía.

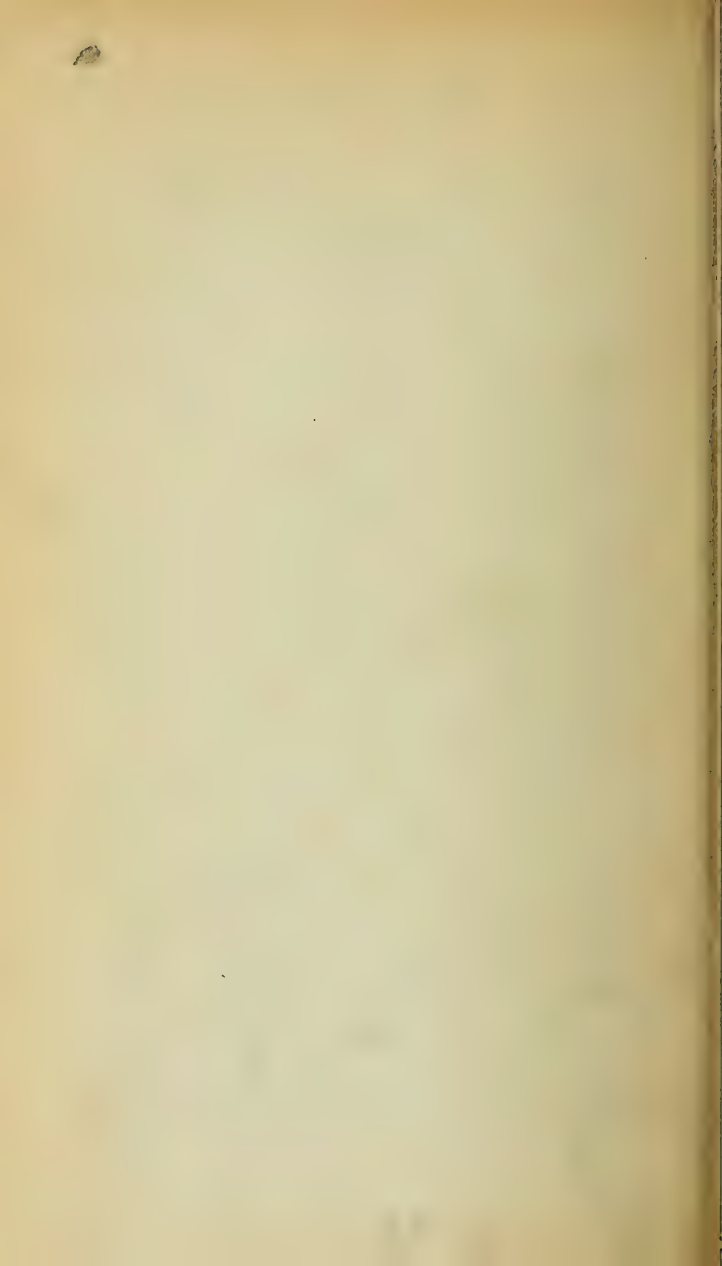
As nossas questiunculas pequenas (porque pequenas são), e sem poetica nobreza, porque são hodiernas, intercaladas n'esta formosa fabrica de recordações do nosso mundo velho, que são grandes porque as vemos ao longe, e que são nobres porque um nobre talento passou por ali, destôam-nos aos ouvidos, quando mais não seja, como aos olhos do architecto antiquario destôam os enxertos mesquinhos na frontaria dos Jeronymos; e dá-nos pena ver que foi o proprio autor, quem assim andou arrebicando de ornatos postiços e superfluos o seu monumento, cujo preço e valia elle devia conhecer, como toda a gente. Faz-nos pena, porque todos estes enxertos são tão morredoiros, que dentro em cincoenta annos, nem já intelligiveis ficarão; e a obra em que apparecem é de uma solidez, de uma traça, e de uma tão prima execução, que ha-de durar tantos seculos quantos se falar a nossa Lingua.

Não é pois tanto por nós, como pelos

vindoiros, que nos affoitamos a pedir ao autor, que na promettida 2.ª Parte do seu romance resista varonilmente a estas veleidades do humor politico.

Quando o tempo nos houver enterrado a nós, aos nossos artigos de fundo e aos nossos folhetins, a todas as nossas coisas, nomes, e memorias; quando outra geração tiver assentado, a rir, o seu novo mundo de materia e de ideia sobre as ruinas do nosso, este edificio litterario, chamado *O Arco de Sant'Anna*, se lhe mostrará necessariamente desfigurado por uma quantidade de lacunas, que elles já não saberão preencher por mais que o tentem. ¿E quem sabe?!... Talvez que para então, lá a cabo de eras, isso mesmo, esses enigmas e mysterios se venham a tornar um poderoso attractivo, e um pasto poetico ás imaginações. Talvez; mas o destino de um livro assim não deveria nunca associar se a um *talvez*.

O relevante conceito, que devemos fazer do homem que nos escreveu, brincando, uma novella que em poucos dias havemos relido inteira, nos deu animo para ainda uma vez jurarmos verdade em depoimento litterario. ¿Commetteriamos imprudencia n'isto, de que nos hajâmos de arrepender? Por parte d'elle não o tememos; por parte dos donatos cabisbaixos, receâmol o, e muito. São elles os que tornam impossivel toda a critica sizuda e bem intencionada. São leigos, rusticos. e velhacos; com tudo especulam: com o *benedicite*, e com o coice do tamanco.

(*Rev. Univ.*)

CLXXVI

O JARDIM DAS DAMAS

(Abril de 1845)

Quando annunciámos o *Jardim das damas*, lembrar se-hão nossos leitores, de que o fizemos a medo: parecia-nos pelo menos difficillimo que tamanhas promessas litterarias, e sobre tudo artisticas, se cumprissem. Sahiu o 1.º numero; duvidámos ainda de que tivesse descendencia; mas no praso prefixo seguiu se-lhe 2.º; apoz o 2.º veio o 3.º, 4.º, 5.º... e já hoje nos achamos no 10.º, sem que o programma haja sido (como era para temer) burlado totalmente. O papel é bom; a impressão, nitida; os titulos, doirados; traz lithographias aos seus romances; figurinos coloridos aos seus artigos de modas; desenhos para bordados; tem musicas, poesias, charadas, anecdotas, noticias, critica litteraria, etc... Devemos confessar que nem tudo n'este jornal nos parece egualmente bom, nem o podia ser; mas é indubitavel que ali se encontram alguns pe-

quenos escritos de merito; e muitos são elles, se não todos, a levar-se em conta como se deve, que entre os numerosos collaboradores, todos mancebos, alguns apenas encetam a carreira de escritores.

Pelo desinvejoso amor que naturalmente consagramos a todas as emprezas litterarias, affoitâmo-nos a aconselhar aos directores d'esta, que evitem, quanto poderem, o darem cabida a artigos de menos entidade, ou menos accuradamente elaborados; e que na critica, sobre tudo, cifrem o seu timbre em serem, para o reprehensivel reprehensores inexoraveis sem crueldade, para o louvavel louvadores certos sem adulação. Se alguem de fóra lhes pagar mal, dentro em si terão quem muito bem lhes ha-de pagar.

E' isto um conselho e não censura; que se algumas vezes as suas ideias teem discrepado das nossas a respeito de tal ou tal escrito, não é isso só por si motivo para os suspeitarmos de desleaes ou prevenidos. O que dizemos, dizemol-o sem refolhos.

Parece-nos hoje a principal das nossas necessidades intellectuaes o medir a todos, a conhecidos e a desconhecidos, por uma só vara, e essa bem direita, e pezar a irmãos, a amigos, a adversarios, e até a ladrões, por uns sós pesos, e esses bem aferidos.

Os redactores do *Jardim das damas* são mancebos; dêem nos elles esse nobre exemplo a nós, os que presumimos de homens feitos, e que tão pequeninos somos, que a todas as horas estamos a mostrar, por modo vergonhoso, quanto d'elle carecemos.

(Rev. Univ.)

CLXXVII

Bibliotheca publica de Lisboa

(Abril de 1845)

A necessidade tantas vezes ponderada, e cada anno, cada mez, e cada dia mais urgente, de se olhar pela conservação da Bibliotheca publica de Lisboa, foi emfim attendida pelas Côrtes na sessão de 5 de Abril.

Por occasião de lhes apresentar os quatro volumes do recem-impresso Relatorio documentado d'aquelle estabelecimento, obra a que por falsa modestia não recusaremos, como outros por ingratidão ou inveja, o devido louvor, ponderou lhes, e provou-lhes, o snr. José Feliciano de Castilho a indispensavel necessidade de se preparar quanto antes casa nova, por onde aquelle copiosissimo e mui consultado deposito de Sciencia se refugiasse contra as aguas, que no inverno o encharcam, e o corrosivo pó dos tijolos que o devora nas seccuras do verão; e requereu que por uma providencia prompta se procurasse pôr termo á devastação já começada,

já visivel, sempre recrescente, e que dentro em pouco viria a ser irremediavel.

As Côrtes autorisaram ao Governo para a necessaria edificação, que é de esperar não tarde em começar-se. A escolha do logar para ella deveria entrar a ser desde já discutida pela imprensa periodica.

(*Rev. Univ.*)

CLXXVIII

OPERA PORTUGUEZA

(Abril de 1845)

Continua a representar-se no theatro dos Condes *O Caçador*, opera comica em um acto, poesia do snr. Mendes Leal (e é dizer tudo), musica do snr. Frondoni (que não é dizer pouco). A opinião mais geral ácerca d'esta composição, opinião com a qual a nossa concorda tambem, é que a musica não condiz tanto com a nacionalidade dos ouvintes e do assumpto, como com a de seu autor. E' engenhosa, é sabia, é bella em partes, mas não é nossa; não nos recorda coisa alguma da nossa infancia e dos nossos campos; e falta é esta, que nenhum outro merito póde compensar.

Se o snr. Frondoni, ou qualquer outro compositor (mórmente dos nossos patricios; e lembramos o snr. Pinto), podesse agora, na estação das musicas da Natureza, em que as aves, e em que as mulheres, como que por instincto recomeçam a cantar, inspiradas

pela fragrancia das flores, pelo calor do sol, e pelo do sangue retemperado de amor; se podesse, se podessem, dizemos, ir dar um passeio por essas nossas provincias; que thesoiro não colligiriam de cantilenas, qual a qual mais graciosa, todas com o cheiro da nossa terra, que não será absolutamente o mais fino, mas ha-de ser sempre para nós o mais delicioso! De passo a passo iriam descobrindo novas minas d'estas, que, ao revez das outras, só se esgotam e se consomem quando as não exploram; salvariam tradições melodiosas, que não merecem morrer, e que hão-de morrer *italianisadas*, se lhes não acudirmos.

Que vão, que vão nas boas horas; e quando tornarem, e com as impressões ainda vivas do que por lá ouviram, e a quem, e em que sitios, e com que circumstancias para elles tão novas e tão poeticas, comporão sem exforço, e com delicias; e todos nós nos apinharemos applaudindo, não tanto com *bravos*, como com o silencio religioso, o haverem nos reposto nos bellos dias e nos logares mais aprasiveis da nossa vida.

¿Mas que podemos nós accrescentar agora ao que já ponderámos, e tão baldadamente, sobre este assumpto, ha quarenta e um mezes, no artigo 134 do 1.º volume? Não importa: no que intimamente julgamos bom, teimamos, e havemos sempre de teimar.

(*Rev. Univ.*)

CLXXIX

MENDES LEAL E SILVA LEAL

EQUIVOCAÇÃO DE NOMES

(Abril de 1845)

CARTA

«Lisboa, 13 de Abril de 1845.

«Ill.^{mo} Snr. Redactor da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

«Constando-me que algumas pessoas, enganadas pela semelhança dos nomes, me attribuem o encargo da nova redacção da *Revista Universal*, que das mãos de V. vai passar, findo este volume, ás do meu amigo o snr. José Maria da Silva Leal, declaro que sou *absolutamente extranho áquelle encargo de Redactor e Director da* REVISTA UNIVERSAL; não que eu me não honrasse extremamente com essa missão, mas porque aproveitar-me de tal engano fôra usurpar uma gloria, que, bem que invejavel, de nenhum modo me cabe.

«Tenho a honra de me assignar com todo o respeito

De V. etc.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.»

THESOIRO LITTERARIO

Sabemos com certeza, e estamos autorisados para annunciar, que o autor da carta supra, bem ao contrario de se aferrolhar ao servil e durissimo banco de uma galé periodical, mistér infimo entre os infimos, a que elle tem o devido horror, vai incessantemente começar a collecção geral das suas obras, pela maior parte ineditas.

Desde *Os dois renegados* até á *Pobre das ruinas*, encerra-se já, em curtissimo espaço de annos, uma abundancia e uma variedade admiravel de composições, de mérito e de generos mui diversos, cuja maior parte ainda não foi ao Publico apresentada.

Em quanto estes numerosos volumes fôrem sahindo á estampa, ¡que de outros para se lhes seguirem não virão brotando de tão rica veia! porque o snr. Mendes Leal, tendo já escrito quanto bastaria para illustrar a duas largas vidas, se acha ainda todavia na viçosa flôr de sua mocidade.

Será a sua collecção dividida em quatro partes, ou séries de volumes: novellas e chronicas; theatro; poesias; e polygraphia, ou miscellanea.

Julgamos ter-nos só com isto perfeitamente desempenhado da epigraphe que posémos a este artigo: thesoiro litterario.

(Rev. Univ.)

CLXXX

POESIA MARITIMA

(Abril de 1845)

Lord Byron, Walter Scott, Cooper, Eugène Sue, e outros, mostraram que a poesia do mar era immensa, profunda, esplendida como elle.

Léon Gozlan, posto conhecesse tão pouco a historia do mar, que disse de Vasco da Gama: «Este não fez mais, do que ajuntar um pequeno traço á carta maritima», escreveu um artigo, não sem merecimento e verdade, aconselhando a Litteratura da sua terra o que os medicos tantas vezes receitam ás damas enfraquecidas pelo abuso dos bailes e prazeres: os banhos do mar. O conselho era bom; o peor era ser pouco exequivel.

Não trata, ou pelo menos não deve tratar, um assumpto senão quem o conhece; e o mar, para os poetas e novellistas de Paris, tinha o seu *tu n'iras pas plus loin* nos bastidores da Opera.

Os nossos poetas de outros tempos poderiam ter escrito de mar muito, e muito bem; pelos nossos prosadores de historia, de viagens, descobrimentos e conquistas, se conhece. Pena é que em tal não advertissem.

O proprio Camões, tão marinheiro na vida, e homem de tão admiraveis instinctos, não soube resistir á torrente do costume; e, assim, como esperdiçou as bellezas do Christianismo, caldeando as absurdamente com as do Paganismo, assim estragou o navegante com o arcade. Poucas oitavas dos seus *Lusiadas* teem a necessaria fragrancia das espumas salgadas e do alcatrão, o som fresco do vento pela enxarcia, o balouço, a vida rouca, vacillante, e saudosa do navio. Em todos os outros seus poemas os carneiros do mar são sempre substituidos pelos da terra; as tempestades, pelas auroras floridas; o ranger do leme, pela flauta namorada; e as commoções fortes á approximação do inimigo, do tufão, ou do porto, pelas cantilenas dos pegureiros, já de Theocrito até elle tres mil vezes repetidas.

E' de esperar que a Litteratura, que principia a introduzir se nos nossos officiaes de marinha, fará com que, emquanto não dizemos o ultimo adeus aos mares, outr'ora nossos, algum espirito bem nascido, cheio de nobre emulação diante dos exemplos dos escritores já citados da Poesia nautica, se abalance a conquistar tambem para nós um quinhão n'este novo mundo. E apressar, apressar, que (se nos não enganamos) o vapor dentro em pouco tempo haverá feito

desapparecer a ultima vella da superficie dos mares, e de então ávante essa Poesia haverá mudado muito de natureza. Muitas das suas tradições e effeitos primitivos cederão a vez a outros effeitos e a outras tradições; mais ou menos grandes, mais ou menos bellas, não é essa a questão; mas differentes; e que, por consequencia, deixarão inutilisado todo o immenso thesoiro desde Fuas Roupinho collegido até nossos dias.

Taes foram as reflexões que se nos suscitaram, ao lermos no *Patriota* os bellissimos artigos intitulados *Folhetins maritimos*; o 1.º veio no numero 529; o 2.º no numero 534; o 3.º no numero 537.

O autor, que, não sabemos porquê, julgou dever esquivar o seu nome aos applausos publicos, mostra não só que possue, por longa pratica, toda a sciencia technologica e moral do seu objecto, mas que recebeu da Natureza e do estudo todas as partes de que se fórma o escritor de merito.

Todas estas scenas historicas e contemporaneas de combates navaes e de naufragios, que nos elle tem descrito, denunciam mão de mestre. Pena é que em artigos desconnexos, e fugazes, e morredoiros como tudo, e até o optimo que em periodicos se lança, se haja de gastar todo o seu talento.

Não lhe aconselhamos que renuncie a continuação de taes memorias contemporaneas; são recompensas a meritos verdadeiros, e podem ser incentivos para outros; como taes são indubitavelmente preciosas. Folgáramos,

porém, de que emprehendesse obra maritima de mais largo fôlego, de um ou muitos volumes, romance ou historia, mas onde a curiosidade de uma narrativa mais extensa attrahisse, prendesse, e fecundasse melhor o espirito dos seus leitores.

(*Rev. Univ.*)

CLXXXI

UM GOVERNADOR CIVIL

(Abril de 1845)

Varias cartas nos teem já sido remettidas por moradores de Beja, alguns por nós conhecidos como sujeitos muito respeitaveis, engrandecendo as fundadas esperanças que tem no seu actual Governador civil aquelle Districto. Conserve-lh'o Deus, que todas ellas hão-de vingar.

Apenas chegou, visitou a Cadeia, as escolas, a Misericordia, e o Hospital, palpando-lhes os males, ou começando-lhes os remedios desde logo. As obras publicas de calçadas e aformoseamento poseram-se de repente em actividade, graças ao seu caracter amavel e insinuante, e á fama com que já para lá entrou, que disposeram, em favor dos seus bons desejos, os animos de todos os que o podiam coadjuvar, tanto os dos benemeritos Vereadores, como os dos outros cidadãos da terra, de mais conta.

O snr. José Silvestre Ribeiro é um d'es-

tes espiritos de grande superficie e de grande profundidade, que não olham para a civilisação só por um lado, mas comprehendem todos os elementos de que ella se compõe, desde os materiaes infimos, até aos espirituaes summos.

Religioso sincero, como verdadeiro philosopho que é, edificou a todo o Povo, pelo modo como na Semana santa, não só assistiu constante aos sagrados Officios, mas deu n'elles, sem hypocrisia nem alardo, claros documentos de entranhada religiosidade.

«Ninguem pode imaginar — diz um dos nossos correspondentes — o saudavel influxo que isto mesmo (com parecer tão simples coisa) começou já a exercer nos que, pouco ha ainda, suppunham ser o supremo *bom tom* despresar e escarnecer as praticas do Christianismo.»

(*Rev. Univ.*)

CLXXXII

TRADUCÇÃO DA ODYSSÉA

(Abril de 1845)

O effeito de qualquer painel não depende todo d'elle mesmo; circumstancias externas e accidentaes lh'o podem variar por uma graduação infinita, desde o primeiro *sublime* até o ultimo *ridiculo*.

Os poemas de Homero n'esse caso estão. São paineis, que, segundo os olhos e a posição dos espectadores, e a luz, propria ou impropria, a que são vistos, se representam inspirados e encantadores, ou monstruosos e repugnantes.

Quem ler a *Odysséa*, com os olhos ainda deslumbrados de uma opera italiana, ou das pompas de um baile, ou apoz a descripção estatistica do novo caminho de ferro atmospherico, será (sem o querer) mais que Zoilo para com o primeiro patriarcha da Poesia.

Aquelles, porém, que teem um espirito grande, bem ordenado, repartido em zonas,

e que por ellas sabem distribuir sem confusão todas as diversas coisas, segundo suas peculiares indoles e relações, o que primeiro fazem (porque o devem fazer) em abrindo a *Odysséa* ou a *Iliada*, é arrancar-se pelas raizes d'entre toda a civilisação actual, transplantar-se, aclimar-se de subito n'uma região oriental ha tres mil annos, e dizer:

—Tenho nas mãos o mais antigo Livro do mundo a baixo de Moisés. E' o *Testamento velho* da Grecia; a historia de uma era tambem patriarchal a seu modo, e a alma inteira de um homem, a quem os seus conterraneos, que melhor do que nós o podiam medir, porque viam as suas verdadeiras relações com todos os objectos e ideias de então, acharam grandeza tão descompassada, que lhe erigiram templos e o adoraram como divindade.

Dito, pensado, e sentido isto bem de veras, cada pagina se reanima, se córa, se abrilhanta, e fascina.

Os defeitos, os erros, os absurdos que poderiam parecer deturpal-a, desvaneceramse; porque, se Homero não é um propheta para adivinhar as nossas polidezes e convenções, é um poeta historico para nos transmittir todas as suas pontualmente.

Quando qualquer das obras nossas contemporaneas mais formosas, e copias daguerreotypicas da presente civilisação, apparecer por acaso d'aqui a mil annos, será estudo e delicias para os sàbios, e só nescedade e dormideiras para os peralvilhos.

Estas poucas linhas de advertencia, nos pareceu bem que precedessem á breve

amostra que vamos dar da versão da *Odys-séa* pelo snr. Antonio José Viale.

O traductor, cheio, como poucos, da sciencia da Antiguidade, e dotado de juizo e gosto delicadissimo, procurou, e, como se verá, conseguiu, conservar no corrente da metrificação, na lhaneza e sinceridade do estylo e da linguagem, toda a indole e primitiva côr do seu modelo.

Poderia ter sido poeta mais elegante, metrificador mais altísono, e houvera-lhe isso custado muito menos; a sua ambição foi mais nobre: quiz dar-nos o proprio Homero, e já começamos a tel-o.

PROCOS

. . . .

Entre os Procos depois veio sentar-se
o Principe gentil. Elles, á meza,
o eximio Vate attentos escutavam.
A tornada difficil, trabalhosa,
que Minerva aos Achivos concedêra,
cantava Phémio então

*

De Icário a filha,
a prudente Penélope, taes cantos
ouviu, e prestes da mais alta estancia
desceu do Régio Alcáçar; não sosinha;
duas a seguem recatadas servas.
Chegada á porta da dedálea sala
a matrona sem par, perante os Procos,
com fino veo cobrindo as bellas faces,
no meio das donzellas lacrimosa,
ao divino cantor falou d'est'arte:

*

—«Phémio, ¿não podes tantos outros themas
a teu canto escolher, subindo aos astros,
dos numes, dos heroes, os claros feitos,
de que sóem resonar, melodiosas,
grato acroâma as citharas dos vates?

Esses reconta; os Principes emtanto
ledos esgotem transbordantes taças;
mas cessa de soltár canção tão triste,
que o coração afflicto me lacera,
pois da sorte o rigor continuo eu choro,
que me privou de esposo a mim tão caro,
e cuja gloria enchêra a Grecia inteira.»

*

—«Deixa o doce cantor que nos enleva,—
Telémaco então diz—ó mãe querida,
livre seguir os intimos impulsos
do estro que o transporta. Os doces carmes
não são obra do Vate; inspira-os Jove;
que quaes lhe prasem suggeril-os sôe.
E se Phémio memora infaustos casos,
¿increpado ha-de ser? Dão gosto aos homens
mais que antigas canções, canções recentes.
Não recuses ouvir; suffoca a mágoa;
denegado não foi sómente a Ulysses
voltar de Troia; ¡ali quantos guerreiros
deram longe da Patria o extremo arranco!
Sobe de novo ao sólito aposento;
na roca, no tear, nos teus lavores,
intende, e ás servas as tarefas parte.
O discursar em publico pertence
tão sómente aos varões, e n'esta casa
mais que todos a mim, que n'ella impero.»

*

Taes palavras ouvindo, estupefacta
a Princeza guardou no intimo peito
o que ao mancebo ouviu. Com as donzellas
de novo ascende logo á propria estancia;
saudosa ali pranteia o caro esposo,
té que Minerva infunde á dolorida,
tréguas á mágoa, um somno bemfasejo.
Mais incendidos entretanto os Procos
no da Rainha amor desatinado,
na já sombria sala tumultuam.
Então assim Telémaco lhes fala:

*

—«Da genitriz amantes insolentes,
da meza festival quêdos vos praza

as delicias lograr, e o rumor cesse
que impede o canto ouvir do egregio Vate,
egual aos Immortaes na voz canora.
Na seguinte manhan juntos no foro
sejamos todos; intimar-vos quero,
impertérrito emfim, que estes meus paços
deixeis incontinente, e n'outra parte
bródios busqueis, por turno convidando
uns aos outros; que em summa, á propria custa
sejam vossos festins, vossas folganças;
que se haveis, tantos sendo, assim por força
resolvido de um só viver a expensas,
continuae; dos sempiternos numes
ajuda implorarei; quiçaes que Jove,
taes affrontas vingando, inda disponha
que n'este alcáçar mesmo acheis a morte.»

*

Um falar tão afoito ouvindo os Procos,
de pasmo e raiva os labios se morderam.
Eis lhe responde Antínoo, Eupíthea prole:

*

—«Telémaco, por certo os mesmos numes
a orar sublime e ousado te ensinaram.
Não te conceda o filho de Saturno
em Ithaca reinar; se bem que esta ilha
como herança paterna a ti pertença.»

*

Telémaco replica:

*

—«Embora, Antínoo,
o meu falar ingenuo te desgoste:
de bom grado acceitára o régio mando,
se outorgar-m'o prouvesse ao summo Jove.
¿Julgas talvez que um sceptro é don funesto?
eu não por certo; nem lastimo a sorte
de quem sobe a tão alto entre os humanos.
Prestes possue riquezas, e acatado
mais que os outros mortaes, a vida logra.

Mas Ithaca em seu seio encerra muitos
Principes jovens, Principes provectos,
a quem pode caber tanta ventura,
se jaz prêsa da morte o sabio Ulysses.
D'estes paços porém, d'estes escravos,
para mim por Ulysses acquiridos,
serei senhor e Rei; rivaes não temo»

*

Ergue-se então Eurymacho, e lhe torna:

*

— «Telémaco, quem seja o Rei futuro
de Ithaca, os deuses só sabel-o podem;
de tua casa o és; de teus haveres
conserva a posse, que ninguem por certo
d'ella te ha-de esbulhar á viva força,
em quanto houver em Ithaca habitantes.
Responde agora a uma pergunta minha,
optimo joven: ¿Quem, de que linhagem,
é aquelle varão, e de que terra
aqui chegou? ¿Traz nova a ti jocunda
da volta de teu pae? ¿ou vem antiga
divida a repetir? A nós, por certo,
occultar-se elle quiz; ¡como ligeiro
da vista emfim despareceu n'um prompto!
De homem vil não o accusa o seu semblante.»

*

—«Eurymacho, – responde o nobre moço —
que Ulysses volte não o quer o fado;
embora cheguem novas, adivinhos
embora minha mãe consulte e creia,
taes predicções, taes novas não me illudem.
Meu hospede paterno é o forasteiro;
é Mentes o seu nome, e se gloría
de filho ser do bellicoso Achíalo;
governa os Táphios, afamados nautas.»

*

Assim falou; mas conhecido tinha
a excelsa deusa que do ceo baixára.

Os amantes, emtanto, ao canto, ás danças
ledos voltam de novo, até que a noite
estende o manto seu. Vindas as trevas,
cessam folguedos; cada qual demanda,
para o somno lograr, o proprio alvergue.

....

Odyssêa. — Canto I.

(*Rev. Univ.*)

N. B. DOS EDITORES.

Entre o anno 1845, em que pela primeira vez sahiu a lume este fragmento sob a égide de Castilho, e o anno 1868, em que o eminente Viale o republicou alterado e melhorado no seu livro *Miscellanea hellenico-litteraria*, mediaram vinte e tres invernos de estudo e meditação. Entendemos pois dar aqui o mesmo fragmento da *Odyssea* com as alterações que o traductor lhe introduziu.

CLXXXIII

FOLHETINS MARITIMOS

(Maio de 1845)

Com publico reconhecimento agradecemos ao nosso desconhecido amigo o autor dos *Folhetins maritimos* publicados no *Patriota*, o entranhado amor que professa á terra do nosso commum nascimento, pois que a esse amor, paixão tão nossa como sua, é que devemos o offerecimento que nos faz da sua amisade. Insoffridos aguardamos o dia em que, por mais amplo e intimo trato, lhe possamos provar que a merecemos.

(Rev. Univ.)

———

CLXXXIV

FLORES SEM FRUTO

(Maio de 1845)

Com este modesto titulo se publica o tomo vi das obras do snr. Garrett, com 233 paginas.

São as *Flores sem fruto* uma especie de catalectos pelo proprio autor collegidos no solto poetar do seu passado, e com um prologo, a partes mui formoso de singeleza e affecto, em que, por uns termos sentidissimos, se lastíma de haver já decahido da edade da poesia para a da prosa.

N'esta collecção, de mui variados metros e sujeitos, politicos, amorosos, philosophicos, moraes, classicos, e modernos, ha poemasinhos que se distinguem por uma certa graça original de inspiração, e pelo donoso das fórmas. Não ao poeta, mas ao nosso jornal, fariamos injuria e roubo, se deixassemos de recommendar este livrinho.

¡Analysal-o! ¿Quem analysa flores? Ramilhetes são feitos para se gosarem; gosta se d'elles... porque se gosta.

(*Rev. Univ.*)

CLXXXV

Leituras de litteratura dramatica ingleza

(Maio de 1845)

O distincto poeta dramatico inglez, Mr. Sheridan Knowles, achando-se ao presente em Lisboa, annunciou que faria no *Hotel da Peninsula*, ao Loreto, um curso de leituras sobre poesia dramatica nos serões de 21, 23, e 24 do corrente. Os bilhetes de entrada custam 2$400 réis, e tomam-se nas casas de Tobins, ao Caes do Sodré, n.º 19, de Shore, rua de S. Chrispim, n.º 21, e no *Hotel da Peninsula*.

Eis aqui o seu programma:

1.ª leitura.—O genio de Shakespeare.—Diversidade dos seus caracteres.—Conservação da individualidade.—Perspicacidade poetica.—Identificação extraordinaria.—Juiso da posteridade.

2.ª leitura.—Effeito do drama.—Julio Cesar.—Hamlet.—Scena da leitura do actor Kean com Ophelia.—Causas por que desagradam algumas composições dramaticas.

—Dogmas dos criticos.—Figuras de dicção monosyllabica.—Bruto e Cassio.

3.ª leitura.—Unidade de acção.—O mercador de Veneza.—Climas.—Unidade de caractéres.—Illusão do drama.—Theorias absurdas—Caracter mixto das tragedias de Shakespeare.—Arrebatamento.

(*Rev. Univ.*)

CLXXXVI

NUNO MARIA DE SOUSA E MOURA

EMMA, poema

(Maio de 1845)

Ao passo que vamos vendo envelhecer, seccar, e cahir, bellos talentos poeticos, a cujas flores, a cujos frutos, a cujo murmurio inspirador nos haviamos acostumado, e nos contristamos por contemplarmos a mortalidade até no que mais immortal nos parecia, vemos pulular de desconhecidas raizes novos engenhos viçosos, que serão floresta quando os primeiros forem ruinas, e que algum dia serão substituidos por outros, que dos seus despojos se nutrirão, para tambem morrerem, e se testarem a novos successores.

E' a historia perenne do paraiso dos espiritos chamado Poesia: um jogo continuo de nascimentos, de decadencias, de medranças, de acabamentos, de viço, de musgos, de ninhos e canticos, de desamparo e pios. E no meio de tanta vida, a morte em cada

coisa; e no meio de tantas mortes, uma existencia infinita.

Os poetas passam; as suas obras, mais depressa ou mais devagar, passam tambem; mas não passa a Poesia. E' um hymno, ora melancolico ora festivo, ora religioso ora profano, mas sempre hymno, que, desde o primeiro poeta que no mundo houve, até ao derradeiro que n'elle houver, durou e ha-de durar sem interrupção, eterno, e eternamente juvenil, como a Natureza de quem procede.

Causas externas e fortuitas podem fazer (e ás vezes fazem) que em tal ou tal sitio do mundo, em um tempo dado, a estrophe do poema que lhe tocou vá mais alterosa, ou mais sumida; não porque a Natureza, n'esse tempo e n'esse logar, produza menos potencia poetica; mas porque, semelhante aos germes vegetaes, de que o ar anda invisivelmente povoado, e de que uns perecem, outros se desenvolvem, segundo o acaso os encaminhou, essa potencia poetica teve propicia ou desfavoravel a fortuna.

Em Portugal, em que pese a pessimistas, é felizmente demonstravel que nunca a seiba da poesia circulou mais abundante do que hoje.

Não é para aqui investigar as causas d'este phenomeno, das quaes muitas, algumas pelo menos, são facilimas de explicar; como tambem sem grande custo se poderia pôr o dedo nos motivos, que em parte perturbam, degeneram, e corrompem, a boa qualidade d'esta mesma seiba, e a fazem engendrar, aqui e acolá, tortulhos de sapo

em vez de loiros. Vamos passando por uma metamorphose, como sobejas vezes se tem dito com summa exacção. Já não estamos mal; mais e melhor havemos porém de ter, quando nos houvermos acabado de transformar.

Numerosissima é a mocidade que hoje faz versos em Portugal, ainda que não tão numerosa como a que os critica sem os fazer; *commentatorum fucorum*, *asinorum genus* (em latim vai, para que elles o não entendam). Numerosissima é, repetimos; e mais sería, se uma prosa, hybrida de prosa e verso, muito mais facil de fazer porque já de si está feita e basta pegar-lhe, não tivesse contaminado e desvairado a muitos, e a *politica infusa* para periodicos a muitos mais. Mas emfim: ainda com todas estas sangrias pode ella, e caminha robusta, e medra a olhos vista, merecedora já de muitas bençãos.

Quasi não passa mez, que não recebâmos amostra, ou denuncia de algum talento nascente, ou recem descoberto. Dias de festa são sempre esses para nós, que somos naturalmente amigos da aurora, da primavera, de tudo que rescende a flores e a esperanças

Não nos consumimos, como outros, de ver desabrochar em roda de nós vergonteas, que, logo no seu primeiro pompear, veem mostrando que hão de vingar para cima do nosso cume carcomido e quebrado. Que nos não açoitem com as suas copas os nossos poucos ramos, desejamol-o, porque é justo; mas que deixem de medrar não o desejamos,

porque, sobre serem desejos esses muito feios seriam tambem muito sandeus.

¿Crescemos nós porque os outros são baixos? ¿ou minguamos porque elles sobem?

N'este Universo, onde tantas parvolezes ha, não ha parva mais parva do que é a inveja; e, coitada, castiga-se a si mesma. E' bem ao certo como a pintou Ovidio:

.....rala, e rala-se a maldita.

Em summa: que tudo teremos de ruim; mas n'isso nunca peccámos, nem venialmente. E quando não, que appareça o poeta feito, a quem recusassemos todo o seu foro de louvor, e medido de cogúlo; ou o poeta principiante, a quem, por calculo de infernal prudencia, denegassemos conselho, animação, e alegres applausos para exforço. Que appareça: deitamos pregão para os quatro ventos. Não ha de apparecer nenhum, porque o não ha.

As paginas d'este livro de verdade, que andamos escrevendo ha quatro annos, e que vai cessar, não sem magua nossa, a 19 de Junho, não poucos documentos encerram, que nos affoitam para assim falarmos.

Insensivelmente nos estamos louvando tambem a nós. ¿Que remedio? Se é obrigação dar justiça ao proximo, ¿como não será ao menos direito o fazermol-a a nós, quando não a achamos feita?

O que só desejamos, pelo amor que temos ao progresso das Lettras patrias, é que a Redacção que depois de nós vier, herde n'esta parte os nossos propositos, e a nos-

sa firmeza para n'elles se manter; que nos eguale na ancia de falar verdade a despeito de todos os perigos; e nós mesmos ajudaremos a ennastrar-lhe a sua corôa de vencedor, porque todas as outras superioridades, já d'aqui e de muito boa-mente lh'as concedemos. Damos plenissimo assenso ao seu programma.

Não se trata porém hoje de programmas nem de redactores, se não de Poesia, e de poetas.

Dizemos pois que tivemos summa satisfação em ver o livro que se acaba de publicar, intitulado *Emma ou a esperança e a tumba, com as Cartas de Silvano a Lilia, seguidas de outras poesias—por Nuno Maria de Sousa e Moura, Tenente de Cavallaria.—Porto—Typographia commercial*—1845. 1 vol de 154 paginas em 8.°.

Sabemos que o autor é um mancebo provinciano, e residente fora e longe da frágoa da Capital, nos pacificos e aprasiveis campos da terra da Feira.

São tres clausulas estas, a da residencia, a da naturalidade, e a dos annos. que todas se descobrem, com grande vantagem para o seu crédito, n'estas suas primeiras e já muito valiosas tentativas. Respira n'ellas a singeleza, e a originalidade; em todas as coisas o afferro aos bons principios; um coração amante, e um gosto naturalmente delicado, a que só falta aquillo que o tempo e a experiencia dão, e que não dão (ou dão muito imperfeitamente) as regras e os conselhos; a saber: um desenvolvimento completo e sasoado.

A sua versificação, geralmente boa, ás vezes optima, é tambem, algumas raras vezes (parece-nos) um pouco descuidada; é o defeito dos engenhos de muito rapida producção.

Na sua rima fôra para desejar um pouco mais de riqueza; e no seu estylo, de longe em longe, ora um pouco mais de concisão, para que a veia da boa poesia não trasbordasse por fora do seu álveo, ora tambem um pouco menos de certa familiaridade, ou *vulgaridade* no dizer, que não é indecente, mas que, em nosso juiso, tambem não é inteiramente poetica.

Os benevolos elogios, que o autor se dignou fazer nos na introducção ás *Cartas de Silvano a Lilia*, e a que nós somos cordealmente agradecidos (posto, melhor do que ninguem, lhes conheçâmos a sobejidão), nos vedam expendermos aqui todas as excellencias que no engenho do autor descobrimos ao ler esta obra; excellencias que, perseverando elle no estudo, e na innocencia e no ocio da sua terra, nos auguram para muito cedo um poeta de grandes quilates. E é por isso mesmo, que nos arrojámos a só lhe apontar o que nos pareciam os seus defeitos. Para estes bastaram poucas linhas; se houvessemos de miudear as suas graças e primores, teriamos de escrever bastantes paginas.

(Rev. Univ.)

———

FR. FRANCISCO DE S. LUIZ

CLXXXVII

SHERIDAN KNOWLES

(Maio de 1845)

O gigante do Theatro do norte, esse extraordinario filho de si mesmo, e creador de uma escola, que, longe de envelhecer, tem vindo crescendo e fortificando se até nossos dias, SHAKESPEARE, acaba de nos ser em Lisboa interpretado por um seu compatriota, Mr. Sheridan Knowles.

· s leituras, de que se deu programma na Revista, artigo 4:288, realisaram-se com effeito nos tres serões indicados. Cada uma d'estas prelecções, se assim se lhes quizer chamar, ou, mais propriamente, ostentações, durou para mais de hora, parecendo todas muito breves.

Mr. Sheridan, não obstante a sua pronuncia irlandeza, recita com tanta verdade, tão embebido no que diz, acompanhando tão bem com todos os gestos e signaes visiveis as ideias que animam as suas palavras, que a illusão, para o seu espectador e ouvinte,

é cabal e perfeita, ainda sem os prestigios de roupas e scenario.

A primeira noite, era impossivel não o admirar; elle declamou os papeis dos mais diversos personagens, e das mais oppostas indoles, desde o mais remontado tragico até ao comico mais familiar, tudo com egual facilidade e nitidez. Shakespeare mesmo não teria deixado de o applaudir, ou de se applaudir n'elle.

As suas considerações sobre o drama em geral manifestam longos e profundos estudos, feitos sobre os bons modelos, grande conhecimento experimental da Arte, e das secretas relações do tablado com a plateia; dos actores, que são os typos do Poeta, com o auditorio, que é onde esses typos teem de deixar a sua impressão.

Excusado é dizer, que entre as falas, de que Mr. Sheridan tem assombrosamente recheada a sua memoria, e de que tão brilhantes amostras nos deu, figuraram a de Hamlet sobre a morte, e a das sete edades da vida.

Mas Knowles não é só o homem de Shakespeare; outros poetas principaes da sua Patria receberam não menos as suas homenagens. Foi bello recitado por elle o discurso de Byron sobre a morte de sir Thomas Moore.

O concurso foi de mais de cem pessoas, inglezas pela maior parte, e d'ellas bom numero de senhoras muito moças, cuja attenção e enlevo davam uma ideia assaz vantajosa da sua instrucção. A mulher ingleza não é só educada para boa dona de casa, mas

tambem para ser uma companheira agradavel pelos dons do espirito, e uma excellente educadora pelas suas luzes. N'essa parte, muito haveriamos nós outros que aprender d'aquella Nação.

Mr. Sheridan Knowles ficou tão penhorado do bom acolhimento que logrou n'esta sua primeira tentativa, que logo mudou a sua tenção, que era partir immediatamente para o Porto, e vai dar brevemente segundas leituras, cujos assumptos são em geral: a Tragedia grega, representada em Euripides, considerações geraes sobre Litteratura dramatica, e juizos exemplificados dos melhores poetas inglezes, Milton, Byron, Walter Scott, e Southey.

(*Rev. Univ.*)

CLXXXVIII

Necrologio do Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. Francisco II

(Maio de 1845)

Para um livro, livro de exemplo e edificação, era a vida do Varão memoravel, cuja perda se está deplorando em todo Portugal. Alguem o fará, devemos esperal-o.

Algum Portuguez agradecido pagará, em nome da Patria, o tributo do louvor tardio ás cinzas que já o não podem ouvir. A nós, nem o tempo nem o logar nos consentem o obedecermos aqui, e hoje, ao impulso talvez temerario do nosso affecto, mais que de discipulo: quasi filial. Quebra nos as forças a tristeza do animo; e, que não quebrasse, mal se podem pintar gigantes em pequena táboa, como disse um mestre da nossa Lingua. Nem oitenta annos, que resumiram seculos de trabalhos e merecimentos, se poderiam trasladar para uma folha assim leve e fugitiva.

Mas o não podermos pagar tudo, não é razão para que nada paguemos.

Vamos resumir os apontamentos da sua biographia, com a possivel exacção, despidos de todo o genero de enfeite, seccos, descarnados.

*

A 25 de Janeiro de 1766 nasceu, na villa de Ponte do Lima, de Manuel José Saraiva e sua mulher D. Leonor Maria Corrêa Saraiva, ambos de claro sangue, Francisco Justiniano Saraiva. Em casa achou, ao abrir os olhos, os bons exemplos, que, tanto como a sua peculiar indole, tinham de fazer d'elle um homem eximio.

Por si mesmo se lançou com alegria nos estudos, e os seguiu com paixão, manifestando desde logo o muito, para que a Providencia o havia de sua mão aparelhado.

A piedade em parte, em parte o instincto, que leva para a solidão os espiritos meditativos, fizeram com que, na edade em que o mundo é sereia, elle, mancebo gentil, prendado, apetecido na sociedade, e com todas as razões para o ser, trocasse a soltura e delicias do seculo pela estudiosa e pia sombra de um claustro benedictino.

Vestiu o habito aos dezasseis annos em 1782; e, fiel ao seu votado proposito, foi o ultimo que o despiu, quando já a Ordem não existia.

Nenhuma corporação religiosa enthesoirou jamais nos seus fastos maior numero de sujeitos abalisados em virtudes e sciencia, que a de S. Bento; a ponto de que, se no exterminio geral de taes institutos se houvera (como talvez o propunha a boa Philoso-

phia) de fazer uma unica excepção, e para ella se tomassem os votos de todo o mundo, é quasi certo que estes Monges existiriam ainda hoje, e haveria ainda na terra algum porto de refugio para muitas dores extremas, que não teem outro.

Não obstou, porém, o serem tantos e tão eminentes os que n'esta, já de si tão distincta Ordem, se distinguiam, para que o joven Frei Francisco de S. Luiz entrasse de repente a estremar-se, como primeiro entre os primeiros, assim nas Lettras sacras, como nas profanas, assim na amenidade do trato, como na copia e profundeza da doutrina, e no concerto dos costumes, que n'elle foram sempre irreprehensiveis.

Exhaustos todos os estudos, que nas aulas internas da Ordem se lhe deparavam, passou a seguir na Universidade de Coimbra o curso de Theologia, em cuja sciencia defendeu theses, que ficaram lembrando como um triumpho, e recebeu o grau de Doutor em 1791, contando apenas vinte e cinco annos.

A Academia das Sciencias de Lisboa, depois de o haver por trabalhos litterarios premiado com medalha de oiro em 1794, a si mesma se honrou escrevendo-o na lista dos seus Socios.

Em 1805, em concurso publico da Universidade, foi unanimemente habilitado para Oppositor ás cadeiras da sua Faculdade.

Em 1808, n'esse fatal praso da invasão franceza em Portugal, foi nomeado para a Junta, que em Vianna do Minho se estabeleceu, para intender na libertação do Reino;

sagro officio, em que mostrou que, sob a mortalha do Religioso, palpitava vivo e ardente o cidadão, e que suas paixões se haviam cifrado na unica de todas as edades e estados: no amor da terra do nascimento; amor instinctivo em qualquer, mas, nas almas superiores e illustradas, irresistivel.

Em 1817, sem prejuiso dos seus direitos ás cadeiras theologicas da Universidade, foi despachado Professor de Philosophia no Real Collegio das Artes, magisterio que por largos annos ficou exercendo, com summo crédito seu, e aproveitamento dos alumnos.

Muitos foram os outros empregos eminentes, que por todos esses tempos exerceu; e muitos os ensinos, que nas Escolas da Ordem liberalisou com admiravel frutificação.

Em 24 de Agosto de 1820 alvorece no Porto o Systema representativo. O nome de S. Luiz sôa logo entre os dos primeiros regeneradores. Obrigam n-o (¡doce violencia, pois se tratava da felicidade da Patria!) a trocar o remanso da sua cella pelas salas do Governo, e a interromper os seus queridos estudos dos antigos feitos e glorias de Portugal, para ajudar, elle proprio, a abrir uma nova era de gentilezas, de esperanças, e de civilisação.

S. Luiz é um dos membros, e pela já grangeada fama do seu nome, um dos principaes, da Junta Provisoria do supremo Governo do Reino instaurada no Porto. As memoraveis proclamações d'esta Junta foram todas obras da sua penna.

O grito do Porto em 24 de Agosto é repetido em 15 de Setembro por Lisboa, que nomeia tambem a sua Junta Provisoria.

No 1.º de Outubro reunem-se fraternalmente as Juntas ambas da Capital, e S. Luiz continúa com publica satisfação a presidir aos negocios, então espinhosissimos, do Estado.

A 26 de Janeiro do anno seguinte, abrem-se pela primeira vez as modernas Côrtes, as Côrtes Extraordinarias e Constituintes da Nação Portugueza; e, ainda no mesmo mez, o nomeiam Membro da Junta do Supremo Governo provisorio do Reino, cargo que fica exercendo até á tornada d'el Rei D. João VI do Brazil a este Reino.

Em 20 de Junho do mesmo anno de 1821 nomeia-o el-Rei Coadjutor e futuro Successor ao Bispado de Coimbra; e a 20 de Outubro seguinte Reitor e Reformador da Universidade. Por morte do Bispo D. Francisco de Lemos, toma posse da Diocese a 1 de Junho de 1822, com o titulo de Conde de Arganil e Senhor de Côja, sendo logo em Setembro sagrado Bispo.

No seguinte Novembro é eleito Deputado ás Cortes Ordinarias, e d'ellas feito Presidente em Fevereiro de 1823.

Cahida a Constituição de 1822, é demittido de Reitor e Reformador da Universidade em 1823; e tres mezes depois, em Setembro, resigna o seu Bispado sem reserva alguma, retirando-se para o mosteiro da Batalha, d'onde se recolhe a descançar dos baldões da fortuna, e esquecer-se (o que bem pouco lhe custava) das ingratidões dos

homens, na formosa e sempre suspirada terra da sua infancia.

Veio a Carta Constitucional; eil-o outra vez na scena politica, Deputado ás Côrtes de 1826, as quaes, por quasi unanimidade, o elegem seu Presidente.

Mudadas as coisas em 1828, é desterrado para o mosteiro da serra d'Ossa. Aqui vive incommunicavel seis longos annos, entre Frades ignorantissimos, e reduzido, por unico pasto do espirito, á pequena livraria da casa, só composta de sermonarios rançosos, theologias escholasticas e casuisticas.

A este degredo de corpo e alma lhe veio pôr termo, em 26 de Maio de 1834, com a expedição no Alemtejo, o General de Sua Majestade Fidelissima, o Ex.mo Duque da Terceira.

A 4 do proximo Junho, Sua Majestade Imperial o nomeia Guarda Mór do Real Archivo da Torre do Tombo, e a 24 de Julho Conselheiro de Estado.

E' terceira vez eleito Deputado ás Côrtes em Agosto do mesmo anno. Preside-lhes até 24 de Setembro, dia de lutuosa memoria, em que falleceu Sua Majestade Imperial. Então é tomado por Sua Majestade a Rainha para Ministro dos Negocios do Reino, logar em que permaneceu até 17 de Fevereiro de 1835, e cujas honras lhe ficaram conservadas, recebendo, de mais, ao sahir d'este Ministerio, a nomeação de Par do Reino, e de Gran Cruz da Ordem de Christo.

Quarta vez é eleito Deputado em 1836;

mas sobrevém a revolução de 9 de Setembro; pede logo, e consegue, ser demittido de Guarda Mór da Torre do Tombo.

A 22 de Dezembro do mesmo anno é feito Membro Honorario da Academia das Bellas-Artes.

Quinta vez o fazem Deputado em 1838. Em 1840, finalmente, lhe conferem o primeiro logar da Egreja Lusitana, o titulo e officio de Patriarcha de Lisboa. Subsequentemente recebe de Roma o barrete cardinalicio, e é nomeado Vice Presidente da Camara dos Dignos Pares.

*

Até volta dos oitenta annos se foi estendendo, robusta e promettedora de muitos mais, uma vida, posto que assim trabalhosa e trabalhada, defendida comtudo interiormente pelo mais austero concerto de costumes, que é a hygiene das hygienes, e pela innata suavidade de animo, que é balsamo temperado pela Providencia para preservar o sangue de muito veneno corrosivo, e muita peste.

Levantou-se porém n'estes ultimos tempos uma provação, a que resistiu (quanto o podia um homem cheio de Philosophia e de Evangelho), mas que a final o consumiu, rendeu, e baqueou.

A Imprensa portugueza, a quem elle tanto ennobrecêra, e a quem tanto hão de ainda ennobrecer os frutos posthumos das suas lucubrações, a Imprensa portugueza, sem respeito nem a si mesma, nem á edade, nem

á sciencia, nem ás virtudes, nem aos serviços, nem á fama, nem á posição, nem ás sympathias de quanto havia grande e nobre em toda esta terra, nem ao caracter mais inoffensivo e á indole mais amante que nunca entre nós se viu, por um delirio sem explicação possivel, ou por uma veleidade barbara, sonhou que podia estampar a sua mão negra sobre aquella face veneravel, e arrastar pelas cans a maior cabeça de Portugal até ao lôdo da ignominia.

A façanha, sobre vil e covarde, era insensata; mas tentou-se, e até onde se poude cumprir, cumpriu-se.

Nós vimos o Fundador da Liberdade portugueza, nós vimos o Decano dos sabios portuguezes, em folhas *portuguezas*, e escritas por *liberaes*, qualificado, uma e muitas vezes, com teimoso e villanissimo acinte, ¡por inimigo da Liberdade! ¡por traidor! ¡por ignorante! ¡por charlatão! ¡por nullidade!...

Todos estes libellos anonymos, todas estas machinas infernaes, só calculadas para matarem alguns mezes ou dias antes a um pobre velho, cuja vida fôra uma teia continua de bellas obras, todas estas injurias parricidas, lhe eram pontualmente mandadas por alma honesta e generosa (!!!), que se escondia. E elle abria com suas mãos sagradas aquella correspondencia; e lia-a; e tragava gôtta a gôtta todo o seu veneno; e a ajuntava n'um cofre; e não se queixava da ingratidão; e não desabafava, nem com os seus intimos.

De dia para dia notavam estes, havia muito, que a serena alegria que sempre do ani-

mo lhe ressumbrára no semblante, se lhe convertia em melancolico pezadumbre, cada vez mais carregado, mais dorido, e mais silencioso.

Quem diz que não matam as penas, não sabe o que as injustiças doem nas almas nobres, que se envergonham de queixar-se.

Principiou aquella saude de bronze pouco a pouco a aluir-se; e o corpo a descobrir symptomas, de que o espirito descontente não tardaria em o desamparar á terra, em que tantas invejas se criam, para se ir para outra parte, onde a justiça e o amor são permanentes e infinitos. Era molestia sem nome.

Perguntavam-lhe os medicos suspeitosos se não andaria lá dentro contaminando-o alguma afflicção de espirito, como verme, que, invisivel no âmago da planta, lhe faz cahir antes do outono frutos e folhas, á vista e sob as mãos desveladas do pomareiro. Reperguntavam-n-o com empenho, para acertarem pelas verdadeiras causas o tratamento da molestia. Mas o silencio era a resposta. Não o entendiam; e o mal ganhava forças; e não se atalhava; e não era culpa de ninguem, se não dos empeçonhadores lá de fóra, que entre os fumos e os copos iam continuando a manipular as suas drogas.

Finalmente cahiu da cama.

Perto de um mez aturou o seu desconsolado martyrio, cujo fim elle previa certo, e aguardava resignado.

Sentindo a morte já próxima, falou; foi o seu primeiro e derradeiro desabafo; ouviram-lh'o os consternados que lhe cercavam

o leito; e só então entenderam, e com espanto, o de que morria. ¡Temerosa lição para calumniadores!

—«N'aquelle cofre estão dez annos que eu podéra ter ainda vivido — disse elle; — ali, ali se verá o que são no âmago as tão invejadas doçuras do Patriarchado.»

Quatro dias depois... tinha cessado de padecer, entregue placidamente ao Creador a formosa alma, ritualmente lustrada com os Sacramentos da Egreja.

Foi o seu transito (¡bemaventurado transito, segundo o devemos crer!) no paço patriarchal de Marvilla ás 6 horas da manhan de 7 de Maio de 1845.

*

Pelas 3 horas do mesmo dia (não havia que aguardar; a putrefacção já se tinha declarado) começou-se a intender na embalsamação do corpo, o qual, pouco depois da meia noite, se achava já depositado na capella particular do paço, em S. Vicente de fora.

Por todo o dia 8 ali permaneceu em roupas cardinalicias, sendo visitado por innumeravel multidão de amigos, de admiradores, de fieis, de pessoas de todas as jerarchias, estados, e parcialidades, nacionaes e estrangeiras. A cleresia de todas as parochias e collegiadas ali concorreu, com religiosa espontaneidade, a dar ao commum Pastor o *vale* christão das orações. Os campanarios de toda a cidade dobraram todo esse dia, tendo começado na vespera o tri-

duo de luto da Côrte, e o encerramento dos espectaculos.

No dia 9, continuando nas torres o toque de finados, e postas em funeral as armas da guarnição e todas as bandeiras de terra e mar, começaram pela manhan os navios e fortalezas a disparar compassadamente a sua artilharia.

Todos os corpos da guarnição de Lisboa, e a sua Guarda Municpal, estão formados no campo de Santa Clara, dando a direita ao visinho mosteiro de S. Vicente; commanda o Ex.^{mo} Conde da Ponte de Santa Maria.

A's 11 horas chegam Suas Majestades; ás 11 e meia principia o sahimento, transferindo-se o corpo, da capella particular, onde jazia, pela porta do carro, e indo entrar pela do magnifico templo, coevo da origem da Monarchia.

Na dianteira do préstito vai um troço de cavallaria; segue-se um Capellão do defunto Prelado, de habitos talares roxos e chapeo triangular, montado em mula branca com longas gualdrapas negras, levando a Cruz patriarchal; apóz, os Capellães a cavallo, e com tochas, e o Mordomo de Sua Eminencia, de capa roçagante, chapeo desabado, e fumo comprido, levando nas mãos o chapeo de Cardeal. Seguem-se: o respectivo Parocho, de estola preta; um coche puchado a oito, conduzindo o corpo n'um caixão forrado de escarlata com Cruz de setim branco, tudo agaloado de oiro; um esquadrão de cavallaria; um coche de estado, e outro com os Capellães, que levam o bá-

culo, o barrete, e a gran-Cruz; e por ultimo outro coche do estado patriarchal, com o Estribeiro do fallecido.

Durando a procissão, foi o corpo sucessivamente encommendado pelo Clero das freguesias da Capital, que se estendia desde o portão do carro até á porta da egreja. Ao entrar n'ella, é o esquife recebido pelo Cabido, Relação ecclesiastica, Côrte, Grandes do Reino, Ministros de Estado, etc., e o vão depôr na eça forrada de velludo escarlata armada no cruzeiro.

Seguem se as laudes, a Missa, e as cinco absolvições do tumulo, tudo com grande instrumental dos musicos da Real camara. Depois do que, é o corpo deposto na competente capella. Então salva com vinte e um tiros pela ultima vez o parque da artilharia, as fortalezas e embarcações, e com tres descargas a infantaria.

*

Não devemos omittir, que no decurso da ceremonia funebre Suas Majesades, que a ella assistiram na sua tribuna, exprimiam no semblante, como o Povo, a insoffrida saudade, que tão leal e tão constante amigo de todos lhes deixava. Dos olhos da Rainha e do Rei se viram correr lagrimas, se honrosas para o objecto d'ellas, mais honrosas ainda para quem as vertia.

El-Rei, digno apreciador do que são meritos moraes e intellectuaes, fôra em todo o tempo amigo sincero e intimo do distincto Varão. Muitas vezes o fôra pessoalmente vi-

sitar, exforçal-o, e consolal-o na sua enfermidade, certifical-o do affecto que lhe tinha, e offerecer lhe tudo quanto de suas Reaes Mãos podesse depender.

N'uma d'estas edificantissimas visitas, na ultima d'ellas, houve um lance, que sobremodo releva não deixar no esquecimento; foram muitas doutrinas n'uma só lição.

—«Senhor, – disse com voz desfallecida o ancião para o seu Augusto Amigo, que em pé junto á cabeceira se debruçava para o escutar — Senhor, desejava eu poder ainda escrever á minha Soberana, protestando-lhe n'esta hora de solemnes desenganos, em que não cabe senão verdade, e jurando-lhe pela minha alma que vai subir á presença de Deus, que nunca o meu coração deixou um só momento de ser fiel ao Throno e á Patria; que, se alguma vez desservi (o que não sei) ou a Sua Majestade ou a seus subditos, quer no Conselho, quer no Ministerio, quer nos Parlamentos, ou em algum outro dos altos logares em que a sua bondade me collocou, culpa foi sem duvida do meu entendimento, nunca nunca da minha vontade: mas que por esses mesmos erros, se os houve, com a alma de joelhos e de mãos postas lhe peço humilissimamente perdão.»

Procurava el Rei tapar-lhe a bocca, e só com lagrimas e soluços lhe respondia:

—«Não, não; vós fostes sempre, e ainda agora o estais sendo, um exemplar de todas as virtudes, um servidor fiel e incançavel, um homem como oxalá houvera sempre um ao pé de cada Throno. Quietae a vossa

consciencia delicada, pensae no Ceo, que é vosso.»

O velho sorriu de innocente alegria; quiz beijar-lhe de agradecido a mão, que apertava na sua, e despediu-se do Rei da terra para só pensar no do Ceo, a quem tambem, e tão bem, havia servido.

— «¡Oh! ¡quanto custa esta separação de um amigo e de um pae!»

Foram as ultimas palavras, que o nobre Representante da profunda e religiosa sensibilidade germanica proferiu, devorado de dôr, perante o nobre Representante da antiga honra e lealdade portugueza. ¡Que muito, pois, que ás lagrimas do Povo se ajuntassem as lagrimas dos Reis n'aquella hora!

....

*

Conserva-se o corpo do Em.^mo^ Senhor Cardeal Patriarcha de Lisboa, D. Francisco II, em S. Vicente de Fóra, sob as mesmas abobadas, em que, desde D. João IV, se tem ido congregar o pó de tantas grandezas terrestres: Reis, Rainhas, Principes, Princezas, e Infantes.

¡Que bem que jaz entre os cadaveres de D. João IV e de D. Pedro IV! De ambos se reflectem resplendores, que se misturam com os seus proprios.

P. S.

Com tanto escrever, nada havemos ainda tocado do mais importante de sua vida: das suas numerosas e variadissimas obras litterarias.

Além das já impressas, que todos conhecem e estudam, consta que deixára Sua Eminencia vinte volumes ineditos. Felizmente param em mãos dignas de tal herança, que de certo não tardarão em os entregar á Patria, a cuja gloria pertencem.

Muito fôra para desejar, que o illustrado depositario de tamanho thesoiro encorporasse na impressão, com estas obras, as já vulgarisadas do mesmo autor, e completasse a collecção mettendo para ella o mais que podesse das magistraes respostas, que Sua Eminencia dava quasi quotidianamente ás consultas, que sobre os casos embaraçosos se lhe dirigiam de todos os Ministerios; bem como, que fizesse um convite geral a todas as pessoas, a quem Sua Eminencia honrou com lettras suas, sobre assumptos litterarios, para que, não havendo algum motivo de melindre em contrario, as facultassem ao editor para as dar á estampa.

Pedimos perdão de nos havermos affoitado a estas ultimas ponderações; foi o amor das Lettras e da Patria quem nol-as suggeriu, e de nenhum modo o receio, que não temos nem podemos ter, de que o digno sobrinho e amigo do sapientissimo Finado deixasse de se haver n'isto com o zelo e juiso, que em tudo geralmente se lhe reconhecem.

FELICIDADE NA DESGRAÇA

Quando a tropa dava as descargas do estylo, por occasião das exequias do Em.^mo Cardeal Patriarcha, sahiram com Real apparato

da egreja de S. Vicente Suas Majestades e a Côrte; os cavallos dos coches espantam-se, tomam os freios nos dentes, partem desatinados. Os do coche de Suas Majestades vão esbarrar na parede do Hospital da Marinha. El-Rei aproveita o momento para saltar fóra, com sua Augusta Esposa em braços, e salva-a. O Camarista D. Manuel de Portugal, ao precipitar-se da sua carruagem, tambem arrebatada no turbilhão, para acudir á sua Real Ama, cai, desloca um braço pelo cotovello, e o quebra junto ao pulso. As Damas desmaiam, e o sota do primeiro coche quasi ficou esmagado do choque.

O coração dá graças á Providencia, mas treme ainda, pensando nas incalculaveis desventuras, que d'este imprevisto perigo se houveram podido originar.

(*Rev. Univ.*)

CLXXXIX

A UM ROUXINOL

(Maio de 1845)

Os versos *A um rouxinol* são estreia de um juvenissimo poeta de Alafões. O que taes estreias annunciam, ninguem ha que por si o não possa conhecer.

E' mais um talento, que nós temos a fortuna de apresentar ao Publico. D'isto ao menos serviu, e se pode gloriar, a nossa pobre folha: que manifestou muitos engenhos á Patria, e a si proprios; que a nenhum recusou agasalho; que por toda a parte os procurou para os incitar; que, longe de lhes invejar glorias, sollicitou para que lh'as dessem.

Temos feito muito ingrato, não ha duvida; mas se, como estamos concluindo esta, estivessemos começando uma nova redacção, não hesitariamos em seguir o mesmo systema. Que a nós nos paguem o bem com o mal, ¿que importa, se o que esses fizerem, em parte exforçados por nós, ha-de redundar

a final em proveito e credito ás Lettras da nossa terra?

Que de poids d'un cœur lourd n'as tu pas soulevé!
M. de Lamartine.

Lá descanta na estancia sombria
o mavioso cantor da soidão.
¡Oh! que balsamo agora me envia
na plangente sonora canção!

Rouxinol, que tão meigo suspiras,
¡como adoças meu calix de fel!
¡como abrandas as improbas iras
do meu fado tão duro e cruel!

Sinto já meus tormentos em calma,
só com tuas endeixas ouvir;
ao passado revôa minh'alma
esquecendo presente e porvir.

Teus accentos de maga harmonia
da voz d'Ella me fazem lembrar;
¡ai! ás vezes Eugenia sohia
como tu solitaria cantar.

¡Quão gostoso a escutei modulando
com ternura sem par versos meus!
umas vezes o amante chamando,
outras dando-me ainda um adeus.

A voz d'Ella, que tudo amenisa,
mais suave que a tua talvez,
afagava minh'alma qual brisa,
que cicía das flores no mez.

¡E tão meiga era a sua tristura!
¡e tão meigo o sorrir virginal!
¡e era toda tão casta e tão pura!
¡e o amor que me tinha era tal!...

Porém hoje (¡que horror!) não me é dado
escutal-a, nem vel-a sequer;
e da amante gentil separado
na tristeza só acho praser.

Fugidío dos sitios mais ledos,
onde a dor se exacerba inda mais,
solitario por entre fraguedos,
esses eccos acordo com ais.

Como espectro vagando sem tino,
por Eugenia a chamar, mas em vão,
aos rochedos e troncos ensino
este nome, que sempre ouvirão.

Canta, canta, mimosa avesinha,
adormenta esta dor meu algoz,
que este peito, que triste definha,
me lacéra qual tigre feroz.

Por accentos de tal suavidade
quero o pobre alaúde afinar,
para ver se mitígo a saudade,
que me segue por todo o logar.

A. Cabral Couceiro

(*Rev. Univ.*)

———

CXC

MASONI

(Maio de 1845)

O beneficio do grande rabecca, annunciado para 8 do corrente, realisou-se a 19. O theatro estava cheio, e Suas Majestades presentes no seu camarote particular.

Nada d'isto era devido á opera, porque o *D. Sebastião* é uma injuria contínua e flagrante contra a verdade, contra a decencia, e contra o bom senso; ou, se o quizerem tomar por farça, a mais lugubre farça que jamais escreveu Mr. Scribe. Nem o escalpello analytico lhe pode tocar, sem que logo, ao primeiro golpe, se lhe embote o fio. E' musica de Donizetti..... sim; mas ¿que importa? tambem o sol é o sol; mas não é sob os escarceos e farrapos da *feira da ladra* que os seus raios namoram e inspiram.

Não foi portanto pela opera; foi pelo amor do artista, que o seu infortunio nos havia tornado muito mais caro, que todos nós ali concorremos.

Aos que não tiveram a fortuna de o ouvir ¿ que poderiamos nós dizer, que lhes desse ideia do seu inimitavel toque n'esta noite? Para o primeiro trecho que executou, *Homênagem a Rubini*, ainda ha qualificação: foi sublime. Porém o segundo, a scena dos tumulos da *Lucia*, variada por Artot, não ha termos que expressem o effeito intimo que produziu.

A rabecca não era um instrumento; não era sequer uma voz humana das mais deliciosas; era a propria alma consternada do viuvo, modulando e gemendo as suas dores. Corriam em silencio as lagrimas ao ouvil-o; e o que elle dirigia á mãe dos seus filhos,

Tu che a Dio spiegasti l'ale
O bell' alma innamorata,

a elle mesmo o estavam applicando os seus ouvintes, porque se via que o seu estro, abrazado pela paixão, tinha voado a abraçar a esposa no Empyrio.

Tu che a Dio spiegasti l'ale,
O bell' alma innamorata!....

Os applausos e as corôas foram a parte minima do seu triumpho; o melhor d'elle passou-se no interior dos peitos. As corôas de rosas, que se lhe arrojaram aos pés, e que elle levantou com agradecimento, ninguem deixou de adivinhar onde a sua mão religiosa as iria depôr. Foi, foi de certo, aos pés d'aquella, que havia contribuido com mais de metade para o enthusiasmo por elle produsido.

(Rev. Univ.)

CXCI

CARTAS ANONYMAS

(Junho de 1845)

Ha no *Inferno* do Dante um genero de criminosos, que, por haverem cubiçado fama a troco de virtude, estão condemnados a um perennal e apagadissimo esquecimento. Para essa região das trevas se deveriam mandar tambem os autores de cartas anonymas injuriantes. Ninguem havia de falar, e menos escrever, de semelhantes villões, mais que ruins; é asco pôr-lhes as mãos, mas que seja para os justiçar.

Só por este natural sentimento de vergonha se pode explicar o silencio, que acerca dos anonymos teem sempre guardado os maiores escritores, que, por isso mesmo que o eram, não podiam deixar de ter visto algumas vezes, e muitas, a sua capa dilacerada por esses cães nocturnos.

Compozeram-se livros contra os traidores, contra os assassinos, contra os perjuros, contra os forçadores, contra toda a especie de

maus e miseraveis; ¡e contra os mais miseraveis de todos os miseraveis, contra os libellistas anonymos, não se composeram! E tambem, ¿que necessidade havia d'elles? ¡Uma lei moral particular, para condemnar aquillo, que por mil leis moraes, que por todas ellas, se acha defeso!? ¡aquillo, que tão directamente contraria os sentimentos innatos de bondade e honestidade, que os proprios que o commettem não ousariam jamais a confessal-o!?....

O *me me adsum qui feci* algumas vezes se ouviu da bocca do assassino e do sacrílego; mas deitae pregão diante de uma carta anonyma, chamando pelo seu autor; toda a terra ficará muda. E se para algum ente, muito abjecto e muito torpe, se voltarem com boas suspeitas os olhos dos circumstantes. esse corará, e ha-de balbuciar.... que não foi elle.

*

Nós não pretendemos fazer um ocioso tratado de moral contra esses sicarios da penna. Essa gente não lê; e se lê, não entende; e se entende, não sabe emendar se; e se o sabe, não o pode; e se o pode, não o quer.

¿Para que é fazer consideração do desamparo, ignominia, e hediondez, em que um homem cai, quando fecha portas e janellas, espreita que ninguem escutará o rugir da sua penna sobre o pobre papel, começa a babar sobre elle o negrume do seu coração cancerado; depois, pasmado da ignobil façanha que perpetrou, relê para si em voz

sumida, estudando se o rasgo de alguma lettra, se a feição de alguma virgula, o não delatará; depois dobra, fecha, lacra, e subscreve o nome da victima que tanto medo lhe infunde; depois expede o tiro, e fica pallido e tremendo, e já talvez arrependido com o pavor de que o suspeitem?!

A consideração do desamparo, da ignominia, e da hediondez de um tal homunculo, tem-n-a elle proprio tão viva como nós. ¿Que poderiamos nós encarecer-lhe, que uma voz sahida d'entre as ruinas da sua consciencia lhe não houvesse murmurado antes do acto, gritado durante o acto, e trovejado depois da sua consumação?

Para esse infeliz aventuremos uma só ponderação; é de moralidade tambem; mas a sua rudeza ainda talvez lh'a não suggerisse:

¿Qual é o motivo, que te força a uma acção, que em ti mesmo (¡em ti mesmo!) encontra tantas repugnancias? E' o odio, nascido provavelmente da inveja, contra um homem, a quem desejarias exterminar, mas em cuja presença te não atreves a levantar a voz.

Muito bem: suppondo te *primo com-irmão da gran bèsta,* como te chamou um escritor nosso, concebemos que lhe envenenes a agua e o pão, que lhe mines a lareira, que lhe dispares um tiro de longe, que lhe deites fogo ás arvores e á casa. Concebemos ainda (sempre pela logica da tua prima com-irman) que procures semear os odios entre elle e sua mulher, entre elle e seus filhos, porque seus filhos e sua mulher são ainda partes d'elle. Mas tudo que é transcender d'ahi é

absurdo, até aos olhos da vingança; e mais absurdo, se os teus golpes forem reflectir sobre os que são, como tu, inimigos d'elle mais ou menos declarados.

Chegou a tua carta; foi aberta; foi lida; foi escrutada intrinzeca e extrinzecamente; interrogada por todos os modos, para se conhecer quem era o ignobil, a quem se devia punir ou despresar; e o ignobil não foi descoberto, porque tu souberas tomar para isso todas as precauções, como um verdadeiro heroe da pusillanimidade. ¿Mas quem te assegura de que uma inducção verosimil, de que um concurso de circumstancias fortuitas, uma palavra, um gesto, um olhar mal interpretado, não farão apparecer, como culpado perante o fôro intimo do offendido, um homem de bem, e que esse homem de bem não será ahi julgado injustamente á revelia, e que d'essa sentença se não seguirá a sua ruina?

¿Pode um Salomão (¡quanto mais tu!) predizer todos os resultados remotos de uma primeira causa, por menos momentosa que ella em si pareça?

Armar uma machina infernal contra um inimigo, e disparal-a no meio de uma multidão, podendo ser que só o inimigo fique em pé, são e illeso, não é já obra de perverso; obra é de demente rematado.

*

Mas nem isto préguemos a quem de juiso mostra ter tanto nas suas obras, como de nome nas suas cartas. Falemos aos que teem

nome e juiso, que são os contra quem elles commummente se dirigem.

Em todos os tempos deveu sempre haver escrevedores anonymos. A inveja sandía e villôa é achaque velho na especie humana. Não ha arvore genealogica mais illustre por antiguidade, que a dos patetas e mal creados.

A raça dos anonymos brutaes não começou nos judeus, que, esbofeteando a Christo vendado, lhe diziam: «Adivinha quem te deu.» E' coeva com o mundo: o primeiro assassino que n'elle houve, Caim, foi um assassino anonymo; se soubesse escrever, talvez tivesse preferido a penna á queixada de burro.

Em toda a parte os meritos, que attraem as affeições, despertam egualmente, e por isso mesmo, os odios.

¿Onde vão picar os insectos frutivoros? não é nos carrasqueiros de Montemuro, ou nas urzes da Ovelhinha-do-Marão; é nas laranjeiras de S. Miguel. Já d'isto se queixava a nogueira de Ovidio, que a não apedrejavam os galopins, senão porque lhe viam fruto.

Grande consolação deve logo ser para qualquer o considerar que merece tantas sanhas a inimigos invisiveis, que se envergonham de ser conhecidos como inimigos.

*

Isto é o que persuade a Philosophia.

Mas como os primeiros momentos não são d'ella, se não da Natureza animal, póde acontecer que varões, dos mais conscios de

sua intrinzeca valia, se deixem a principio perturbar de quatro regras sem assignatura. Nada doeu ao leão como o coice do asno, que lh'o atirou sem o olhar, e fugiu.

Assim é. Mas para essa doença do espirito, é que se ha-de ter o remedio da Philosophia já prevenido de antemão. Este remedio póde ser de mais de uma especie, segundo as compleições.

O excellente Prelado, D. Frei Caetano Brandão, lia todos os correios, antes de nenhumas outras, as cartas de um seu inimigo *desbaptisado*; e, quando se desenganava de que não havia n'ellas senão malevolencia e injustiça, orava a Deus, para que amansasse e reconduzisse para o rebanho aquelle bode transmontado.

Fontenelle, o grande philosopho pratico, sendo consultado por um autor novo, a quem desesperava uma satyra anonyma feita á sua primeira obra, foi-se de carreira a um quarto escuro, e d'elle trouxe a rastos um sacco de seis alqueires, que vasou no meio da sala. «Tudo isto, meu amigo,—lhe disse elle—são impressos e manuscritos sem nome de gente, e contra mim; quando m'os mandam, leio-os, se os leio; ensaco-os, e esqueço-os como toda a outra gente.»

Um dos nossos actuaes Ministros de Estado costuma receber, de envôlta com a mais correspondencia, seis, doze, e mais, cartas anonymas e fulminantes, todos os correios. Já as conhece pela pinta; nem perde tempo a abril-as; e se alguma abriu por engano, mal descobre que lhe falta nome logo a atira para o açafate dos papeis inuteis.

Outro, a quem os seus talentos tambem elevaram a Ministro, e que o seu bom juiso alçou depois de Ministro a lavrador, o nosso velho amigo Passos (Manuel), manda as cartas anonymas com que o brindam, para serem impressas nos periodicos.

Frederico o Grande, da Prussia, pensava como elle. Viu defronte do paço um pasquim em que o chasqueavam, e muito povo procurando sollettral o, porque o papel tinha sido pregado em grande altura. Como soube o que era, e de que resava, mandou um Official de sua Casa arrancal-o, e pôl-o mais baixo para poder ser lido mais facilmente.

Nas diversas praticas de todos estes homens illustres poderá cada um escolher, e tomar para si, o expediente que mais conformar com seus principios, edade, e temperamento. Para nós, o do actual Ministro portuguez é o que preferimos:

Carta sem nome, excusam de nol a mandar; perdem todo o seu dispendio de rhetorica, de logica, e de ethica. Excusam de nol a mandar, porque a não lêmos, nem consentimos em que a pessoa que nos lê malbarate n'isso os seus momentos, necessarios para outras coisas; vai direita ao lume. Se, em vez de não assignada, trouxer assignatura falsa, só será lida até ao ponto em que a fraude se começar a descobrir. Ao primeiro signal de intenção hydrophóbica, o lume que a cure.

D'esta maneira, o unico logrado haverá sido o parvo, que esteve gastando o seu tempo sem proveito. D'ahi por diante não lhe fica senão um recurso: e é vir procurar nos

em nossa casa, com voz de falsete mascarado, e disfarçado no que melhor lhe parecer (em *bravo* de Veneza, ou em bôbo, por exemplo), e dizer-nos verbalmente o que por escrito já não pode. A ideia é boa; aconselhamos lhes que a adoptem. Não temam envilecer-se; pelo contrario: ahi ha já alguma sombra de perigo, que nobilite a sua infamia.

Parece-nos que, de quantos remedios se podem tentar contra esta praga dos nossos dias, de que muitissima gente boa se nos tem queixado, nenhum mais assisado, nenhum mais efficaz, do que este: de queimar o anonymo em retrato, sem lhe ter feito a honra de olhar para elle. E é por isso que nos affoitamos a encorporar este pobre artigo entre os *Conhecimentos uteis*.

Se as receitas para exterminar insectos importunos e asquerosos são n'esta parte bem cabidas, ¿como o não seria esta, cujo fim, em materia diversa, é comtudo tão analogo?

(Rev. Univ.)

FIM DO SETIMO VOLUME

INDICE

Pag.